Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 20
22 de agosto de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Na aula de hoje nós temos dois trabalhos a fazer: o primeiro se refere a esse texto que foi colocado à disposição de vocês, que é o primeiro capítulo de um livro que nós vamos publicar aqui pelo Seminário de Filosofia em uma edição específica para os alunos — uma edição, por assim dizer, interna. O segundo trabalho é um pequeno exame que eu queria fazer aqui a respeito de um poema de Camões, as famosas redondilhas de *Sôbolos rios que vão.* As duas coisas estão bastante interligadas e a ligação vai aparecer no fim.

Este primeiro texto é de Joseph Maréchal, do livro *O Ponto de Partida da Metafísica.* Eu quero ilustrar com ele algumas coisas que eu disse nas aulas anteriores a respeito da leitura tanto de textos literários quanto filosóficos. O que vai ficar bastante claro aqui é que vai haver três níveis de trabalho que vocês vão ter de fazer em cima desse e de cada texto filosófico que vierem a ler. Eu vejo que o tipo de dúvida, as perguntas que os alunos me mandam quando lêem textos filosóficos vão desaparacer se as dicas que eu vou dar aqui forem praticadas.

Então eu vou ler aqui o texto e depois vamos trabalhar em cima dele:

> *O Ponto de Partida da Metafísica, Caderno I, Da Antigüidade ao Fim da Idade Média: A Crítica Antiga do Conhecimento.*

Este livro é como uma análise histórica dos problemas do desenvolvimento da Teoria do Conhecimento. Ele não pretende ser uma história meticulosa, mas é um relato crítico dos pontos decisivos da formação da problemática da Teoria do Conhecimento. Eu considero este livro um verdadeiro primor em matéria de ensino da filosofia, é uma das melhores coisas que eu já vi, e eu o escolhi precisamente por isso. Mas já no primeiro capítulo, que se chama *A caminho de uma primeira crise da certeza*, se colocam todos os problemas de leitura que vocês vão enfrentar daqui para diante.

Então primeiro eu vou ler direto — vocês viram que é um capítulo curtinho — e depois vamos voltar.

> *Dos mitos religiosos e das antigas cosmogonias poéticas surgiram, na aurora da civilização grega, as primeiras "cosmologias". É fato que as curiosidades primitivas do espírito humano, tanto no indivíduo quanto*

na espécie, nada têm de precavido nem de crítico; totalmente orientadas ao "objeto", elas mostram-se mesmo estranhamente despreocupadas com o sujeito cognoscente. A especulação nascente foi açambarcada, nos gregos como alhures, por um "objeto" único: a Natureza -- a Natureza pouco a pouco desvencilhada do véu encantador das mitologias e entregue à dissecção racional.

Essa predileção pelos problemas cosmológicos repousa, entre os iniciadores da filosofia grega, sobre um dogmatismo realista, tanto mais seguro de si quanto mais inconsciente. Em parte alguma coloca-se então em dúvida o valor absoluto da afirmação objetiva. E a afirmação mesma vem ligada a todo conteúdo de pensamento fornecido pela experiência, com a ressalva, somente, de uma certa organização desse conteúdo. A filosofia segue assim, sem demasiado esforço, a dupla tendência do espírito a afirmar e a unificar.

Durante todo o tempo em que a tendência unificadora do espírito se exerceu, episodicamente, sobre unidades parciais, os sistemas filosóficos mais díspares puderam ser esboçados sem abalar profundamente a serenidade do realismo antigo (período jônico). Mas veio um momento em que, acima das unidades secundárias, se destacou a unidade primordial ou universal do "ser".

A razão humana teve então como que um deslumbramento: sem deixar de apoiar o realismo, ela vacilou, por assim dizer. Pois o "ser" não representava, no objeto do conhecimento, tanto a multiplicidade cambiante quanto a unidade imutável? O conflito da unidade e da multiplicidade surgia no coração mesmo da afirmação necessária. Acreditou-se dever deixar de lado, sacrificar algo do conteúdo do conhecimento, uns isto, outros aquilo.

Heráclito, fiel aos dados imediatos da experiência, adota a multiplicidade e o movimento, renunciando assim à unidade imutável do "ser". Quase na mesma época, Parmênides abraça o "ser" homogêneo e imóvel, repelindo assim, para o domínio da pura aparência, todo o mutável e todo o múltiplo. E, para cúmulo, Zenão de Eléia, discípulo de Parmênides, adota por missão, dir-se-ia, aumentar ainda o desconforto da pobre razão espontânea, jogando-lhe aos olhos seus paradoxos enceguecedores sobre a irrealidade da mudança. Por toda parte, é o senso comum posto em xeque, é o desafio da razão refletida à razão espontânea.

Aliás, esse escândalo da razão era ainda agravado pela impressão nada edificante criada pela multiplicação excessiva dos sistemas cosmológicos que solicitavam, nos sentidos mais diversos, a aprovação do filósofo e do pensador.
Não lhes faltava, decerto, nem engenhosidade nem ousadia. Com igual desdém pelas tradições e pelas aparências comuns, elas decompunham o mundo para reconstrui-lo em melhor ordenação. E a diversidade, tanto dos materiais analisados quanto dos edifícios sintéticos, não deixava de

> *ser desconcertante. De Heráclito a Empédocles, de Empédocles a Anaxágoras, de Anaxágoras a Lêucipo e a Demócrito, a razão dava voltas, por assim dizer, ao acaso, sem sentir-se em parte alguma como em morada permanente. – Para compreender a invasão do pensamento grego, não obstante tão realista, por uma primeira crise da certeza, é preciso levar em conta, ao mesmo tempo, todas as circunstâncias. O terreno estava preparado para o* cepticismo*.*

Muito bem. A primeira coisa que temos de fazer, tanto com esse texto como com todos os textos que vocês lerem, é transformá-lo de uma exposição em um drama, ou seja, articular o conflito. Onde não há conflito não há nenhuma especulação filosófica a fazer. Sempre há um conflito — subjacente ou explícito —, e é exatamente isso que vocês vão ter de reviver e reconstruir imaginativamente. Como no caso existe uma série de referências históricas a um tempo pretérito, isso quer dizer que os personagens do drama nos são desconhecidos, ou os conhecemos muito vagamente. Nós vamos ter de dar substância a esses personagens. Para isso, nós vamos ter de fazer, evidentemente, um trabalho de pesquisa em dicionários filosóficos, em histórias da filosofia e descobrir quem são esses vários personagens. Claro que não vamos ter de estudar tudo a respeito deles, mas somente aquilo que se refere, aquilo que é pertinente ao drama que está esboçado aqui.

Primeiro, nós vamos ter uma compreensão esquemática do drama, do problema; em seguida, vamos preenchê-lo do conteúdo informativo e histórico necessário; em terceiro, vamos remontá-lo já com seus conteúdos. Vamos partir primeiro de uma visão sintética do texto, em que nós vamos apenas captar a fórmula do que está sendo colocado; em seguida, nós vamos preencher de conteúdo cada um dos elementos que estão aqui mencionados; e em terceiro, nós vamos montar o drama inteiro **[00:10]**, vamos recolocar esses vários elementos históricos separados, na articulação teórica que está dada no próprio texto. Então esse é um trabalho em três etapas. Não interessa o tempo que isso vai durar. Se você ficar seis meses lidando só com esse texto e conseguir fazer isso, você vai aprender mais sobre filosofia do que se ler vinte livros de filosofia. Então, um detalhe importante: livros de filosofia não são, evidentemente, como livros de ficção. Estes são um sonho acordado dirigido que em princípio não devem conter problemas de interpretação do próprio texto, devem ser mais ou menos transparentes para que o sonho transcorra sem ser interrompido. Se um livro de ficção, por exemplo, tiver um vocabulário muito difícil, você vai tropeçar na própria camada lingüística e as imagens de sonho dificilmente chegarão a se compor. É um problema que acontece quando você lê João Guimarães Rosa, onde o elemento poético, no sentido moderno do termo, quer dizer, o elemento puramente verbal, se sobrepõe de tal modo ao elemento onírico que você não chega a compor o sonho. As pessoas se encantam com Guimarães Rosa por conta das sonoridades e não chegam a vivenciar o drama. É o que acontece, por exemplo, na literatura inglesa, na comparação entre John Milton e Shakespeare. As frases de John Milton são extremamente encantatórias, muito musicais e, por causa disso, você se detém nessa camada e fica em uma espécie de deleitação estética na camada verbal, e o drama que está sendo vivenciado no fundo aparece tênue. Ao passo que, em Shakespeare, é

exatamente o drama que aparece em primeiro plano, quer dizer, as palavras facilitam o trabalho onírico. O que mostra que Shakespeare é um poeta enormemente maior do que John Milton, por maior que seja Milton. É por isso também que, na França, o pessoal prefere muito mais ler Victor Hugo, com todas suas vulgaridades e às vezes os estereótipos ideológicos que ele tem, do que ler Mallarmé, por exemplo. Neste, a rede verbal é tão opaca que você para por ali mesmo e não chega a saber do que ele está falando. Este "do que" não é uma referência do mundo externo, é uma referência onírica que deveria aparecer na sua própria fantasia, mas ela não chega a aparecer. Em outros casos o elemento onírico é tão forte e tão imediato que é justamente aí que aparece a eficácia do tecido verbal.

Para dar um exemplo, vou usar o verso de Fernando Pessoa. Ele dizia assim, se é que eu me lembro direito, pela ordem:

Súbita mão de algum fantasma oculto
entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Precisa dizer mais alguma coisa? O sujeito acordou de repente e sentiu uma presença maligna, sinistra. Com quatro linhas, Pessoa já o pôs dentro dessa situação, ou seja, a camada verbal não chama a atenção em si mesma, ela é transparente, por assim dizer, e por isso mesmo ela é muito bem feita. Porque se o que você quer é induzir no leitor a experiência dessa presença sinistra que aparece no meio da noite, então essa experiência não pode ser atenuada ou atrapalhada por considerações de ordem puramente verbal. É claro que existe uma construção verbal magnífica, mas ela não aparece no primeiro plano; no primeiro plano vem a experiência onírica. Nesta experiência também existem elementos verbais, é evidente, mas o que Fernando Pessoa está querendo transmitir é uma experiência muito concreta, muito viva, e ele consegue fazer isso passando direto pela camada verbal, e também fazendo com que o leitor passe.

No Brasil, justamente por incapacidade de chegar à segunda camada — a experiência onírica —, as pessoas têm uma tendência muito forte em ficar lambendo a camada verbal por si mesma. Por isso elas gostam das composições do Chico Buarque de Holanda, do Caetano Veloso, que têm lá uns trocadilhos, umas coisinhas assim. As pessoas as acham lindas porque fazem cócegas no ouvido, mas, quando você vai ver, qual a experiência que tem por trás? Quase nenhuma.

O que nós falamos de conteúdo no texto não é necessariamente referência ao mundo exterior, é uma experiência onírica, uma experiência de fantasia, experiência de sonho acordado dirigido ao qual você está sendo convidado. Quando você vai ver, nestes autores que as pessoas apreciam tanto, a experiência onírica é um nada, ela é muito pobre em relação ao esforço verbal despendido. Isso acontece até com Guimarães Rosa — não em todos os textos do Guimarães Rosa, mas frequentemente ele cai nisso aí.

Então, no texto de ficção, no texto literário, o ideal é que você atravesse a camada verbal o mais rápido possível. A não ser nos casos em que uma ampliação do vocabulário do leitor, ou a conquista de um vocabulário mais complexo, é uma condição para a própria experiência onírica que está sendo puxada ali no texto. Isso acontece, por exemplo, em romances que têm uma característica regional muito acentuada. Vou dar como exemplo o livro do Aquilino Ribeiro, *Andam Faunos pelos Bosques.* A história começa assim: aparece uma menina estuprada e, pela descrição que ela dá do estuprador, percebem que não é um ser humano, é uma coisa esquisita. A cidade inteira fica assombrada achando que existe um fauno à solta, e eles saem para caçar o fauno. Mas isso acontece em uma aldeia portuguesa muito, muito atrasada e, para transmitir a própria atmosfera da cidade, Aquilino Ribeiro tem de construir a história com a linguagem dela. Aí você tem alguma dificuldade com a camada verbal, evidentemente, porque ele está falando de uma coisa muito específica, na linguagem específica daquilo.

A mesma coisa acontece no romance *Cascalho*, de Herberto Salles, que eu citei aqui — aliás alguém me comunica que está fazendo dez anos da morte desse grande escritor —, que é uma história que se passa na região de mineração da Bahia, uma região que era muito rica até que acabaram os minérios. Ele puxa todo o vocabulário que era da região. A única maneira de fazer você penetrar na região é através da linguagem que a caracteriza, então, nesses casos, é claro que se justifica uma dificuldade da camada verbal. Mas isso é antes uma exceção. Não há grandes dificuldades vocabulares para você ler, digamos, Balzac, ou Thomas Hardy. Dickens tem uma certa dificuldade, ele é muito rico, mas eu tenho a impressão que é uma dificuldade mais transcorrida pelo passar do tempo, não é uma dificuldade originária. Eu digo isto por que Dickens era muito popular na época e, se fosse tão difícil de ler assim, não teria sido. **[00:20]**

Agora, no texto filosófico, alguma referência história é absolutamente inevitável. É inevitável por quê? Porque todo texto filosófico é uma discussão com algum outro texto filosófico, ou com vários. Então, atrás do que está expressamente afirmado se perfila a imagem do adversário. Julián Marías dizia que a fórmula da tese, da afirmação filosófica não é A é igual a B; é A não é B mas sim C. Benedetto Croce também dizia: “para você compreender um filósofo você precisa saber contra quem ele está discutindo.” Quer dizer, o texto filosófico é necessariamente um diálogo, uma discussão, um debate com alguma coisa. Essa coisa pode estar expressamente presente ali ou pode estar apenas insinuada. Isso quer dizer que o conhecimento da história da filosofia é condição para você compreender qualquer texto filosófico. Lembrando aquele negócio do Jorge Luís Borges, que para você entender um único livro é preciso que você tenha lido muitos livros. Então isso quer dizer que, necessariamente, vai haver um período de leitura sem muita compreensão, que é o que acontece sempre no começo dos estudos; um período,vamos dizer, de impregnação confusa.

Quando eu dei o curso de história da filosofia lá na É Realizações, eu tinha consciência disso. Eu tinha consciência de que por mais claro que eu tentasse ser, o que eu estava tentando transmitir para eles jamais passaria de uma

primeira impressão confusa. Essa impressão confusa faz parte dos materiais que você vai ter de acumular para depois você fazer uma leitura mais refletida e mais nítida.

Em todo caso, não se preocupem ainda com a aquisição de conhecimento histórico da filosofia, isso nós vamos ver depois. O que nós vamos tratar aqui é só do material de referência histórica necessária para um texto. E este material — que vocês vão colher, não sou eu, não vou transmitir para vocês aqui, vocês vão buscá-lo — deve servir para depois vocês conseguirem montar o drama com todos os seus personagens; todos os personagens citados e insinuados, pois tem alguns personagens que não estão nominalmente mencionados aqui, mas que fazem parte desse drama.

Eu vou ler o texto novamente e vou mostrar para vocês quais são os pontos onde vocês vão ter de preencher de conteúdo histórico. Então, quando ele diz assim:

> *Dos mitos religiosos e das antigas cosmogonias poéticas surgiram, na aurora da civilização grega, as primeiras "cosmologias".*

Por "antigas cosmogonias poéticas" ele se refere, sobretudo, ao poema de Hesíodo, a *Teogonia*, e aos ritos e símbolos da religião grega em geral. Eu não creio que seja preciso um conhecimento mais extenso disso para saber do que ele está falando. Porém, na frase seguinte ele diz:

> *É fato que as curiosidades primitivas do espírito humano, tanto no indivíduo quanto na espécie, nada têm de precavido nem de crítico; totalmente orientadas ao "objeto", elas mostram-se mesmo estranhamente despreocupadas com o sujeito cognoscente.*

Ora, aqui nós já temos um problema, porque se esses antigos filósofos gregos não tornavam o sujeito cognoscente matéria de especulação, se o sujeito cognoscente não era problema para eles, se eles podiam tratar imediatamente do objeto — a Natureza — sem se preocupar como funcionava o sujeito cognoscente e, sobretudo, sem se perguntar se esse sujeito cognoscente tinha ou não a capacidade para conhecer aquele objeto, ou seja, se eles não se preocuparam absolutamente com isso, o que pode haver de estranho no fato de eles não se preocuparem? Certamente não era estranho para eles. Então aqui, nesta sentença, há um duplo nível de significação. No primeiro, está a experiência cognoscitiva dos filósofos gregos, que para eles era tão natural que era a única que eles tinham; no segundo, está a visão disto à luz de uma experiência moderna que considera tão necessário e tão óbvio o cuidado preliminar com o sujeito que, olhando retroativamente as especulações gregas, as considera estranhas, por falta de uma preocupação que é caracteristicamente moderna.

Quando Descartes escreveu as *Meditações de Filosofia Primeira,* e colocou aquele problema da dúvida preliminar — quer dizer, ele colocou tudo em dúvida, todos os conhecimentos em dúvida — e foi buscar o fundamento da certeza não no objeto que está dado, e sim no próprio sujeito — que é ele mesmo, o eu pensante — Edmund Husserl diz que esse é o começo modelar de

toda filosofia. Isso quer dizer que, para o período moderno, esse problema da possibilidade do conhecimento é um problema inicial. Isso que se chama o "problema crítico" — quando você ouve falar em filosofia do "problema crítico" é a isso que estão se referindo, é a crítica do conhecimento. O conhecimento é possível? Quais são os meios de certeza? Qual é o fundamento que nós podemos ter da certeza quanto ao conhecimento do mundo exterior e do próprio mundo interior etc? Quer dizer, essa é uma problemática caracteristicamente moderna. Então aqui você já tem uma referência, não digo encoberta, mas sutil. E essa referência está toda dada neste advérbio "estranhamente". Quer dizer, se o sujeito não estava preocupado com alguma coisa é porque não a considerava estranha. O que há de estranho na própria despreocupação? Isso só pode acontecer do ponto de vista de alguém que está muito preocupado com o problema, então, alguma informação sobre essa mutação que houve no começo da filosofia moderna, onde a atenção dos filósofos gira do objeto para o sujeito, você deve ter para saber do que ele está falando. Continuando, diz Maréchal:

> *A especulação nascente foi açambarcada, nos gregos como alhures, por um "objeto" único: a Natureza - a Natureza pouco a pouco desvencilhada do véu encantador das mitologias e entregue à dissecção racional.*

Ele está dizendo, evidentemente, que essa natureza era o mesmo personagem das antigas cosmogonias poéticas — é o personagem das cosmogonias poéticas e é o personagem das primeiras filosofias; é a mesma entidade, só que vista de duas maneiras diferentes. O que é uma cosmogonia? Cosmogonia é a origem do cosmos. Hesíodo conta com o cosmos foi se formando a partir das lutas entre os deuses. É uma história, na verdade. E partindo dessa história os primeiros filósofos buscam uma explicação. Não uma simples uma narrativa, mas uma explicação. Eles querem saber como aquilo foi possível, como aquilo aconteceu.

> *Essa predileção pelos problemas cosmológicos repousa, entre os iniciadores da filosofia grega, sobre um dogmatismo realista, tanto mais seguro de si quanto mais inconsciente*.

O realismo filosófico é a doutrina segundo a qual o mundo objetivo existe e nós podemos conhecê-lo. Só que, diz aqui o Giuseppe Marechal, era um realismo dogmático e inconsciente, ou seja, era uma crença que parecia àqueles sujeitos tão natural, tão óbvia e tão inevitável que eles jamais a questionavam. Não se tratava ainda de um realismo crítico, como aparecerá mais tarde. Em geral quase todos os textos filosóficos, quando falam de critica, é crítica do conhecimento. Portanto "problema crítico", "realismo crítico", sempre se referem à investigação crítica do problema do conhecimento e da possibilidade da certeza no conhecimento. Então, ele diz que esse dogmatismo é irrealista porque era inconsciente [00:30].

Transcrição feita por: Luiz Felipe Adurens Cordeiro
Transcrição feita em: 03/09/2009

Revisão: Maurício Brum Doval, 13/04/2010 [mbdoval@gmail.com]

Então, ele diz que esse dogmatismo era realista porque era inconsciente, **[0:30]** ou seja, existe uma tendência natural do espírito humano a acreditar que o mundo objetivo existe e que nós podemos conhecê-lo. É isso o que nós verificamos na prática de todos os dias. Por exemplo, se você está dirigindo e alguém buzina atrás querendo ultrapassá-lo, neste momento você não vai parar para pensar se este carro existe efetivamente ou se é uma ilusão do seu entendimento; você parte do princípio de que ele existe e que se você não der passagem para ele alguma coisa pode acontecer. Do mesmo modo se vier um cão feroz atacá-lo, você não vai parar naquele momento e dizer: "Este cão é uma ilusão do meu entendimento, é um produto da minha mente, ou ele existe objetivamente?" Quer dizer, você vai dar no pé antes que o cachorro lhe morda. Portanto, você parte do princípio de que o cachorro existe objetivamente no mundo físico e de que o conhecimento que você tem dele é apropriado. Tão apropriado que , com base neste conhecimento, você é capaz de tomar a atitude mais conveniente no momento — que é ou sair correndo, ou ameaçar o cachorro com um pau, ou fazer alguma coisa.

Então, o que é um dogmatismo? Um dogmatismo é uma crença que não pode ser contestada, é uma crença afirmativa — dogma é uma afirmação. Portanto, uma afirmação dogmática inconsciente é tão óbvia que ela não precisa ser declarada; ela só será declarada mais tarde quando surgir a hipótese contrária. Então, um realismo no sentido filosófico só surgirá quando aparecer em oposição a ele um idealismo filosófico. E o idealismo dirá, em suma, que a substância das coisas é mental ou é espiritual de algum modo, e não uma presença material objetiva. Isto acontecerá, por exemplo, em George Berkeley. Haverá muitos filósofos que explicarão a idealidade do mundo. Então, o termo *realista* surge em oposição a *idealista*. Na verdade o realismo era mais antigo, mas era o realismo inconsciente e não-declarado — ele era tão natural e tão espontâneo que não era declarado.

Em parte alguma é colocado em dúvida o valor absoluto da afirmação objetiva. Note bem que até a palavra afirmação, ou declaração, é um elemento verbal. Esta afirmação não era sequer formulada, não era sequer feita. Quer dizer, ninguem dizia "existe um mundo objetivo, real, e nós podemos conhecer". Ninguém dizia isto porque isto era óbvio e não precisava dizer — assim como eu não preciso dizer para vocês que eu estou aqui falando para vocês agora—, é uma coisa que todo mundo sabe e, portanto, não precisa ser explicitamente declarada. Então, quando ele fala *afimação objetiva*, note bem, esta afirmação não é uma afirmação, é uma crença não afirmada; quando ele diz *afirmação objetiva* ele está dizendo que, visto do ponto de observação da filosofia moderna, existe na filosofia grega antiga uma afirmação implícita da realidade do mundo exterior e da nossa possibilidade de conhecê-la. Mas só é uma afirmação para nós e não para eles; para eles era uma crença muda. Porque, se ele diz que é inconsciente, ela não poderia ser inconsciente e explicitamente afirmada ao mesmo tempo. Estão acompanhando?

E ele diz que esta afirmação mesma, no contexto grego, aparece ligada a todo conteúdo de pensamento fornecido pela experiência. Ou seja, tudo o que você

pense à partir daquilo que lhe chegou pelos sentidos vem acompanhado desta afirmação implícita de que se trata de uma realidade objetiva, cognoscível pelo ser humano. Com a única diferença, é claro, de que no texto filosófico, na sua expressão filosófica, esta experiência aparece mais organizada. Mas a experiência organizada que aparece nas doutrinas filosóficas não é diferente da experiência espontânea que você tem na vivência de todos os dias, e o conteúdo explícito da afirmação filosófica afirma também, implicitamente, a crença na realidade objetiva do mundo exterior.
Daí ele diz assim:

> *A filosofia segue assim, sem demasiado esforço, a dupla tendência do espírito a afirmar e a unificar.*

Quando ele diz afirmar, ele quer dizer o crer, simplesmente. Quer dizer que, então, a filosofia tem um conteúdo positivo — positivo quer dizer afirmativo; ela coloca alguma coisa. Ela não está questionando, está colocando alguma coisa que ela acredita. E nesta coisa que ela acredita — se um filósofo acredita que o mundo é assim ou assado —, embaixo de todas essas diferentes afirmações dos filósofos tem uma afirmação subentendida que é comum a todos eles, que é a afirmação da existência do mundo exterior e da nossa possibilidade de conhecê-lo. E, tendência do espírito a afirmar, portanto, a ser um espírito positivo e não apenas questionante ou crítico. Ninguém pode viver só de crenças negativas, em alguma coisa você tem de acreditar. Como dizia Einstein, “até o sujeito que não acredita em nada precisa de uma garota que acredite nele”.

A tendência a afirmar é também a tendência a unificar. Essa capacidade unificante organizadora da razão é uma coisa que mais tarde vai nos chamar a atenção por um longo tempo. Há uma tendência a resumir, a você pegar a multiplicidade da experiência e reduzí-la a algumas fórmulas fáceis de guardar e repetíveis. Claro que nesse esforço as fórmulas obtidas são diferentes — quer dizer, cada uma unifica diferentemente. Só que ele diz o seguinte:

> *Durante todo o tempo em que a tendência unificadora do espírito se exerceu, episodicamente, sobre unidades parciais, os sistemas filosóficos mais díspares puderam ser esboçados sem abalar profundamente a serenidade do realismo antigo.*

Enquanto os filósofos estavam especulando sobre realidades parciais, essa especulação, por mais variados e intercontraditórios que fossem os seus resultados, não chegava a criar uma dúvida sobre a possibilidade do conhecimento humano. Ou seja, estavam todos sentados sobre a mesma certeza, confiante na possibilidade de conhecer um mundo objetivo.

> *Mas veio um momento em que, acima das unidades secundárias, se destacou a unidade primordial ou universal do “ser”.*

No seu esforço de unificar a experiência e de expressá-la em fórmulas simplificadas e repetíveis, aconteceu que os filósofos produziram duas

fórmulas completamente antagônicas. Porque a noção do *ser*, explica ele, se referia a duas coisas diferentes. Por um lado a multiplicidade das experiências, a multiplicidade dos objetos colocados aos sentidos na sua mutação permanente; e por outro lado se referia também a uma suposta unidade imutável que estaria por trás de tudo isto. E ele então coloca as fórmulas e as formulações de Heráclito e Parmênides.

Os textos que sobraram de Heráclito e Parmênides são muito curtinhos e vocês podem facilmente, em qualquer dicionário de filosofia, pegar as fórmulas chaves que expressam estas impressões desses dois filósofos. Um impressionado pelo constante fluxo das aparências: nada fica como estava, como diz ele, “nós nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio”; quando você entra de novo aquela água já passou e também já levou uma parte do fundo do rio e as coisas que estavam lá já não estão mais, já é outra terra que tem ali. **[0:40]** Ao passo que Parmênides dizia o óbvio também: o que é, é; o que não é, não é. Se uma coisa é real, é verdadeira, ela é; e se não é, não é. Quer dizer, não existe o intermediário entre ser e não ser.

Essas duas impressões são bastante óbvias, de certo modo. É como se estivesse olhando dois níveis de experiência: um, a aparência imediata, que é de fato mutável e cambiante; e outro, a condição de estabilidade que é preciso haver no fundo para que essas coisas possam ser ditas existentes. E aí começa o debate. Há uma referência implícita aqui a Platão. Platão não, Sócrates, na verdade, vai partir desta contraposição entre Heráclito e Parmênides e vai resolver este problema a seu modo. Como é que ele vai resolver? Ele vai dizer, “olha, existem dois planos de realidade, os dois são verdadeiros, cada um a seu modo. Você tem o mundo das aparências sensíveis e você tem o mundo dos arquétipos, que são os esquemas eternos que permitem que essas coisas sejam o que elas são. Se você vê dois elefantes e sabe que eles são elefantes é porque algo eles têm em comum, e este algo que eles têm em comum é o esquema da espécie. Hoje nós sabemos que este esquema da espécie é transmitido pelo ADN, então ele existe, é uma realidade, ele não é uma idéia no sentido moderno — o pessoal usa o termo “idéias platônicas”, que é um pouco enganoso, porque idéia para nós é uma coisa pensada, mas o mais certo seria “formas”, ou até “fórmulas”. Quer dizer, as fórmulas do entes são mais duradouras que os próprios entes, senão não poderiam haver dois entes da mesma espécie. Ou, dito de outro modo, as espécies são mais duradouras do que os entes. Um ser humano dura 90, 100 anos; se chegar a muito, 120 anos. Mas e a espécie humana? Dura não sei quantos milênios.

Então, se você olha para um desses níveis você percebe a multiplicidade mutável, e se você olha para o outro você percebe uma estabilidade, uma permanência. Então Sócrates trata de articular a permanência com a mutabilidade através justamente do processo dialético que, partindo das experiências sensíveis, busca os seus arquétipos no fundo . Nós vamos ver isto com calma mais tarde. Note bem que eu estou dando tudo isto aqui, que não é uma aula de filosofia, é uma aula sobre a leitura de textos filosóficos — ainda estamos nas preliminares técnicas do estudo da filosofia e não vamos ainda colocar a mão na massa; não estamos discutindo ainda estes problemas, eu estou apenas usando estes problemas como amostra de alguns procedimentos

que você tem de fazer quando ler um livro de filosofia.

Em seguida, ele menciona Zenão de Eléia, discípulo de Parmênides, que cria mais desconforto ainda na razão espontânea porque ele joga na cara os paradoxos, o famoso paradoxo da flecha: em cada momento a flecha está no lugar onde ela está, e não em outro. Então, como é que você vai dizer que a flecha se move? Se a flecha está aqui, ela não está ali; e quando ela está aqui, ela está aqui. Nós hoje entendemos que estes paradoxos são esquemas lógicos onde a forma da contradição lógica é jogada contra a realidade das impressões. Quer dizer, você está raciocinando contra aquilo que você está vendo e existe evidentemente um elemento de artifício, um elemento de truque nesses paradoxos, mas eles de fato não são fáceis de você desmontar.

Joseph Marechal diz ainda que esse escândalo da razão era ainda agravado pela impressão que era criada pela multiplicação dos sistemas cosmológicos diferentes. E estes sistemas cosmológicos diferentes, o que havia de comum entre eles era que todos buscavam um elemento de base do qual tivesse surgido a multiplicidade dos seres. Uns diziam que o elemento originário era o fogo, outros que era a água, outros que era o tal do *ápeiron* — quer dizer, o indefinido — e outros ainda apelavam à idéia dos átomos. Ou seja, estavam todos buscando uma fórmula unificante, uma fórmula única da qual tivesse podido surgir por processos enormemente complexos a multiplicidade das coisas.

Na hora em que vocês tiverem preenchido de conteúdo tudo isto — sobre o que dizia Heráclito, o que dizia Empédocles, de onde que surgiu a crítica do conhecimento, por que, do ponto de vista moderno, o desinteresse dos gregos pelo problema do conhecimento parece estranho, e assim por diante—, então vocês terão montado aqui o problema. O problema é *como a dúvida quanto a possibilidade e eficácia do conhecimento apareceu no mundo grego*. Quando nós dizemos que os primeiros filósofos não se interessavam por isso está subentendido que à partir de um certo momento os outros começaram a se interessar. E começaram a se interessar por quê? Porque houve uma acumulação de dúvidas.

Quando os filósofos, partindo do legado dessas cosmogonias antigas, criavam as suas fórmulas explicativas, num primeiro momento isso não sucitava grande dúvida para eles. Mas, como começaram a aparecer várias explicações opostas e como a própria noção de ser tem dentro de si esta contradição — o ser se refere ao mesmo tempo ao mutável e ao imutável —, então, chega uma hora que isso tinha de explodir numa tomada de consciência de que o conhecimento era algo problemático, e essa tomada de consciência aparece muito clara em Sócrates. Este é o drama que está sendo montado aqui. Porém, embaixo deste drama existe um outro mais profundo, que se vocês fizerem esse trabalho que eu estou dizendo vocês mesmos vão preceber, mas que eu vou adiantar aqui o expediente. Este drama mais profundo não está expresso neste texto, ele está de certo modo subentendido. É que todas essas dúvidas que surgem, elas surgem no plano da razão refletida — aquela que se expressa verbalmente em fórmulas —, não surgem no plano da razão espontânea. O que é a razão espontânea? Lembrem-se daquele exemplo das

pilhas de baralhos. A razão espontânea é aquela que resolveu o problema antes que você tivesse tempo de resolvê-lo no plano da razão refletida. A razão refletida conserva os dados da experiência em esquemas, e em seguida manipula esses esquemas e os articula de uma certa maneira para chegar a uma solução. Ora, a razão espontânea já tinha feito a mesma coisa de maneira muito mais rápida, lidando não com símbolos acumulados na memória mas com os próprios dados da experiência imediata — vocês lembram disso.

Os vários conflitos filosóficos que aparecem, as várias oposições filosóficas que aparecem, são sempre entre fórmulas da razão refletida. Porque no plano da razão espontânea simplesmente não é possível que a experiência que todos esses filósofos tivessem da realidade fosse tão diferente assim. O próprio Heráclito dizia: “os homens despertos estão todos no mesmo mundo, enquanto os homens adormecidos vão **[1:00]** cada um para o seu mundo”. Qual é a conclusão imediata que nós tiramos disto aqui? É que no plano da razão espontânea estão todos no mesmo mundo, mas no plano da razão refletida — que é onde surgem as doutrinas filosóficas — eles podem estar todos dormindo. Isso quer dizer que as disputas filosóficas se dão entre homens adormecidos, que estão vendo as coisas cada um a seu modo. Mas todos eles partiram de uma apreensão única da realidade, só que essa apreensão não consegue se expressar verbalmente de modo direto. Quando ela vai se expressar ela passa por uma transformação no plano da razão refletida e essa transformação, por assim dizer, a deforma, a limita, a recorta e produz uma expressão que é insuficiente e que pode ser contrastada com outras impressões totalmente diversas.

Ora, é da tradição dos estudos filosóficos — pelo menos a partir de um certo momento, sobretudo a partir do momento em que surge o problema crítico com Descartes, Kant, etc. — colocar o conhecimento espontâneo em dúvida e colocá-lo num plano inferior ao do conhecimento crítico refletido. Mas quando olhamos esse desenvolvimento à luz da sentença de Heráclito sobre os homens despertos e adormecidos, nós vamos chegar a uma conclusão que eu creio que eu sou o único que chegou até hoje: a sucessão das doutrinas filosóficas é uma sucessão de sonhos e nós só podemos compreendê-los se nós baixarmos um pouco o nosso nível de enfoque e tentarmos apreender as coisas no nível da razão espontânea. Ou seja, a filosofia exerce o seu poder de análise crítica sobre os produtos da razão espontânea; exerce essa análise com instrumentos que a própria razão reflexiva criou. O que aconteceria se, em vez de fazer isso, nós simplesmente buscássemos instrumentos para deixar que a razão espontânea falasse? Por exemplo, entre Parmênides e Heráclito, é lógico que Parmênides quando olhava o mundo físico via o mesmo fenômeno de mutabilidade que Heráclito enxergava — e no entanto ele afimava a imutabilidade do ser. E também é lógico que Heráclito, ao dizer que nós nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio, sabia o que havia de paradoxal nesta afirmação — porque se nós não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio nós não podemos pronunciar esta frase duas vezes com o mesmo sentido. Então cada um dos dois estava consciente da relatividade daquilo que ele afirmava e no entanto continuava apegado à afirmação unilateral. Mas essas duas afirmações unilaterais, no plano da razão espontânea não apareciam como unilaterais, elas apareciam como absolutamente inseparáveis. Ou seja,

na realidade da experiência espontânea o elemento mutável e o elemento imutável estão lá igualmente presentes. É como se nós disséssemos que a razão espontânea sabe a articulação das visões de Parmênides e Heráclito; ela apenas não consegue dizê-la. O que vai faz Sócrates em seguida? Sócrates vai retornar à razão espontânea através do processo da *anamnese*. Quer dizer, por trás dessas suas opiniões, idéias e doutrinas existe algo que você já sabe, e este algo já está dado na razão espontânea; há uma espécie de conhecimento inconsciente — inconsciente do ponto de vista da razão refletida. Nós vimos no exemplo do baralho que aquela operação inicial não é inconsciente totalmente, se fosse inconsciente você não pegaria o resultado dela. Ela é apenas muito rápida.

Já no início da filosofia grega houve essa descoberta das visões opostas e alternativas que podem surgir no plano da razão reflexiva: das imagens conservadas na memória e transformadas em conceitos podem emergir conclusões absolutamente contraditórias, mas a experiência que deu origem a isto permanece unificada e coerente o tempo todo. Ou seja, é como se nós dissessemos que esses filósofos, quando entram em conflito com suas diferentes opiniões, sabem que há uma solução e que a solução já estava lá no início, ela apenas não tem voz. O quê vai fazer Sócrates? Vai escavar por trás das opiniões para fazer com que aquela razão espontânea fale. Quando ele, no diálogo *Mênon*, interroga o escravo para que o escravo lembre algum conhecimento que ele já tinha, onde estava este conhecimento? Estava na razão espontânea, este conhecimento já estava operando no plano da razão espontânea. O quê faltou para que esses primeiros filósofos — Heráclito, Parmênides etc. —percebessem isso e percebessem que havia uma articulação entre essas duas doutrinas diferentes? Faltou o seguinte: eles examinaram diretamente o mundo sem examinar o que eles tinham feito com o mundo. Note bem que Sócrates examina o próprio processo do conhecimento mas não o examina do ponto de vista crítico como se fará mais tarde, ele o examina do ponto de vista anamnético: lembre-se de como você chegou a essa conclusão e lembre-se do material inicial do qual você partiu para chegar a essa conclusão. Ou seja, a conclusão tem de estar subordinada à experiência dada na razão espontânea, e não ao contrário.

Ao longo da história da filosofia você vai ver que a tendência a depreciar a razão espontânea sempre foi compensada de algum modo em outros filósofos pela afirmação do valor do que eles chamavam o senso comum — como por exemplo o Thomas Reid; há muitas coisas que todos os homens sabem sem que ninguém lhes tenha ensinado: isto é o senso comum. A expressão “razão espontânea” é mais exata do que “senso comum”, porque “senso comum” se você fala *comum* você está dizendo que é uma coisa quantitativa e [que] ela é legitimada pelo número das pessoas que compartilham dessa crença. Agora se você disser “razão espontânea” não; um mesmo indivíduo tem a razão espontânea e tem a razão refletida, assim como o mesmo indivíduo tem a dupla operação que ele faz em cima das cartas de baralho: primeiro a operação na qual ele pensa com as mãos e outra na qual ele pensa com os símbolos criados na sua própria mente.

Esse é todo o drama que está montado aqui neste texto do Joseph Marechal. A

maneira de você ler o texto de filosofia é transformá-lo, é colocar os elementos faltantes de tal modo que daí ele possa ser lido como se fosse um texto de ficção e, portanto, ele se transformar num sonho acordado dirigido. A hora que você transformou o texto filosófico num sonho acordado dirigido, aí você o entendeu. **[1:00]**

Não dá para você fazer isso espontaneamente num primeiro momento porque o texto filosófico não é feito com palavras que expressam diretamente as experiências dos sentidos, mas com termos já conceitualmente elaborados que estão muito longe da experiência originária, mas que têm a vantagem de possuírem um significado mais ou menos estável permitindo a unidade da discussão e, em segundo lugar, ele sempre tem a referência histórica. Por exemplo, pra você ler um romance de Balzac, você não precisa ler os outros romances dele, mas para ler um texto filosófico você precisa ler os outros textos filosóficos. Essa é a diferença.

Mas na hora que você os leu e preencheu dos elementos, por assim dizer, eruditos faltantes, aí você tem de fazer a segunda leitura que dramatizará aquilo e fará daquilo um sonho acordado dirigido, ou seja, você vai revivenciar a experiência de Heráclito da mutabilidade. Você olhará o mundo e verá como tudo está permanentemente em movimento e em transformação, notará como o seu próprio corpo não para. Algum processo está sempre se desenrolando dentro dele e a sua mente está permanentemente em fluxo. E você fará essa experiência. Em seguida, fará a experiência contrária. Tentará suprimir a realidade do ser e verá que não é possível. Tentará conceber o nada e verá que não existe o nada. E você verá então que o ser é e o não ser não é. Mas é preciso fazer isso fora do plano conceitual. Você tem que fazer isso com a sua imaginação, revivenciar como você revivencia as imagens de um drama de teatro ou de um filme. É preciso fazer essas duas experiências. Em seguida, você tem que lembrar que essa duas experiências diferentes surgiram dum fundo de experiência comum. Quando você afirma a presença da realidade, a presença do ser, ainda não o separou em mutável e imutável. Você vai perceber que mutável e imutável são conceitos que você lança sobre o ser. Ele, por si, não sugere nenhuma contraposição entre uma coisa e outra. Ao contrário. Você vê que, por exemplo, para que uma coisa mude, é preciso que outra não mude. As folhas da árvore são balançadas pelo vento por quê? Porque a árvore não é. E se o vento mudasse, isto é, se o vento parasse de soprar, as folhas não seriam balançadas.

Então, você vai primeiro fazer a experiência de Parmênides e depois a experiência de Heráclito e então vai baixar no fundo e ver a experiência da razão espontânea. A razão espontânea não problematiza nada. Ela recebe o mundo. Ela não o analisa. Ela recebe e aceita, por assim dizer.

Ora, na experiência da razão espontânea os aspectos de mutabilidade e permanência aparecem como absolutamente inseparáveis. Você não pode, de maneira alguma, ter a mínima experiência imaginativa (muito menos sensorial) de um mundo onde tudo seja absolutamente estático ou de um mundo onde tudo esteja absolutamente em fluxo. Não existe nem uma coisa nem a outra. Na realidade das coisas, na realidade da experiência humana,

mutação e permanência aparecem magicamente unidas e inseparáveis. Nós não temos explicação para isso, mas essa é a realidade. Então, quando é que os filósofos erram? Eles erram quando sobrepõem a explicação à própria realidade explicada.

Claro que essas primeiras cosmologias gregas são todas erradas quando consideradas separadamente. Mas quando você as junta, dá tudo certo de novo. Como, por exemplo, quando Sócrates junta Heráclito e Parmênides. Esta experiência de você reviver experiências parciais que estão expressas em doutrinas filosóficas e em seguida ir para um nível mais profundo, onde a realidade se apresenta a você sem as diferenciações que aparecem nas discussões filosóficas, e ver que é nessa realidade muda que está a solução dos problemas verbalmente expressos, constitui o grande exercício da filosofia.

Eu insisto. Isso ainda não é uma aula de filosofia. É uma aula sobre a técnica da leitura dos textos filosóficos. Não quero ainda discutir a matéria desse problema. Eu só estou ensinando vocês a preencher de conteúdo existencial vivo o que você está lendo nos conteúdos filosóficos. Se você não faz isso, você não leu absolutamente. Claro que um trabalho imaginativo espontâneo todo mundo faz enquanto está lendo. Faz, mas esquece. Aquilo passa e você fica somente com os produtos da razão refletida na cabeça e daí começam a surgir perguntas, dúvidas e contradições aparentes, etc. etc. Eu noto isso, sobretudo nas perguntas que aparecem. Praticamente todas as perguntas e dificuldades que surgem no início do estudo filosófico são por causa disso. Você confiou demais na razão refletida.

Às vezes você está com uma contradição e sabe que essa contradição tem uma solução. Você só não sabe onde está. Então você pergunta pra mim. Eu lhe digo: eu posso lhe explicar. Mas se você prestar um pouco mais de atenção verá que já sabe a explicação. É que a explicação verdadeira que está dada na própria realidade não tem voz. A razão espontânea não fala. Ela é uma percepção, uma percepção da razão que está embutida no próprio tecido da realidade.

Para você verbalizar isso, precisaria ser o Verbo divino. Você não consegue. Você só consegue verbalizar o quê? Aquilo que você mesmo pensou. Nós não conseguimos dizer o que nós vemos, o que nós sentimos, o que nós experimentamos. Nós temos que transformar isso em símbolos, em esquemas da memória e os esquemas da memória são, por sua vez, transformados em conceitos verbais e aí você fala.

Ou seja, nós só falamos o que nós pensamos. Nós não falamos o que nós percebemos. E esse é o grande problema humano. A vantagem é o seguinte: por trás do que eu penso, está o que eu percebo e por trás do que você pensa, está o que você percebe. Nós falamos coisas diferentes, mas nós percebemos a mesma. Por quê? Porque nós estamos realmente no mesmo mundo. O simples fato de eu falar com uma pessoa já subentende que estou no mesmo mundo que ela e que nós temos a experiência em comum.

Se nós prosseguirmos a discussão somente com base no nosso pensamento, a dificuldade vai ser muito grande e provavelmente não chegaremos à conclusão alguma. Mas se nós formos capazes de recuar para o fundo de experiência que nós é comum, aí provavelmente saberemos do que estamos falando.

Quando Santo Agostinho diz aquele negócio do tempo: quando não me perguntam, eu sei. Quando perguntam, eu não sei mais. Isso acontece não só dentro de um cérebro humano, mas também entre pessoas. Quando você não discute certos assuntos com elas, vocês se entendem perfeitamente. Quando começam a discutir, não se entendem mais. Por que é que isso acontece? Porque a sua razão reflexiva não funciona na velocidade e com a eficácia da razão espontânea.

Qual é o segredo? Se nós tentarmos explicar tudo bonitinho, tudo certinho, tudo com conceitos estabilizados, nós vamos nos prender no plano da razão reflexiva e vamos perder contato com a razão espontânea **[01:10:00]** , que é o plano no qual nos entendemos uns aos outros.

Ora, o único meio de expressão que nós temos da experiência espontânea é a expressão analógica e simbólica através da linguagem poética ou literária. Não há nenhuma outra. E a expressão poética ou literária tem a seguinte característica: os significados nela não se estabilizam. Eles estão continuamente se movendo conforme o contexto e conforme o momento da leitura. Se eu leio num momento eu percebo de uma certa maneira, num outro eu percebo de uma outra. Mas eu sei que eu estou me referindo sempre à mesma coisa. Essa riqueza de possibilidades e essa sutileza semântica da linguagem literária é o único meio de acesso que nós temos a uma comunicação sobre a experiência. As outras linguagens, como a filosófica e a científica, não descrevem a experiência. Elas só falam dos nossos pensamentos, e os nossos pensamentos não são a realidade. Os nossos pensamentos são coisas que nós criamos e que idealmente representam a realidade, mas representam a realidade só para quem nos entende e teve a mesma experiência que nós e, portanto, reconhece aquilo do qual nós estamos falando. Esse reconhecimento depende do quê? Da riqueza e flexibilidade da linguagem de cada um. Depende da compreensão linguística de cada um. Se o vocabulário do sujeito é pobre e a sua capacidade de elaboração verbal é deficiente, como é que ele vai poder, por trás das pobres criações da minha razão reflexiva, saber a que experiências eu estou me referindo? E como é que ele vai poder, por trás da diferença entre nossos discursos, captar a unidade da realidade sobre a qual nós estamos discorrendo? Ele não vai poder fazer isso.

É por isto mesmo que o aprendizado da literatura e das letras é o primeiro aprendizado humano. É a primeira coisa que você deve fazer. Você pode ser um sujeito muito inteligente sem saber fazer contas. Isaac Newton e Albert Einstein não sabiam fazer contas. Alguém tinha que fazer as contas para eles. Mas ninguém vai dizer que eles não tinham inteligência verbal. Então, a capacidade de percepção todos nós temos. A razão espontânea, todos nós temos. Muitas pessoas que, no plano da razão reflexiva não são grande coisa, são muito boas no plano da razão espontânea. E a gente vê isso pela

adequação entre as ações dela e a realidade. Às vezes não são nem pessoas. Até animais têm isso. Uma fez eu estava conversando com um jogador de pólo e ele me disse o seguinte: "Quem joga não sou eu. É o cavalo. É ele quem sabe onde está a bola. Eu nunca sei.". Então, até um animal pode ter isso até certo ponto. Alguma forma de razão espontânea o cavalo tem. Já falamos aqui da diferença humana e animal nesse aspecto, não é?

A razão reflexiva é um produto cultural altamente deficiente e ela só funciona se estiver baseada em duas coisas: primeiro, a riqueza verbal de cada um e segundo, a razão espontânea. Na verdade são três etapas: a riqueza verbal, o universo de símbolos conservados na memória e, por baixo disso, a experiência da razão espontânea. Aí sim é que nós nos entendemos. Nós nos entendemos não por causa da eficácia e das clarezas das nossas explicações, mas por causa da comunidade de experiências que nós temos no plano da razão espontânea, experiências que não chegam mesmo a serem expressas. São, no máximo, insinuadas.

Isso quer dizer que se o sujeito não tiver uma compreensão suficiente da linguagem, das sutilezas da linguagem, das infinitas sutilezas da linguagem, ele vai tentar resolver tudo no plano da razão reflexiva e, é claro, só vai chegar a contradições. Porque a razão reflexiva é apenas o que você constrói com seus próprios pensamentos. Ela, na verdade, o afasta do mundo. Quando você fala "nós funcionamos por abstração", abstração é separar uma coisa da outra. A razão reflexiva é um instrumento absolutamente necessário, porque sem ele você não conseguiria sequer expressar as suas experiências e não poderia jamais entrar no tecido da experiência comum. Mas, por outro lado, é uma coisa muito perigosa porque ela o fecha para experiência real e o encerra dentro da experiência pensada. Puramente pensada. E, mais ainda, ela tende a funcionar de maneira lenta, travada e extremamente problemática como você viu no caso do baralho, onde a razão espontânea resolve o problema imediatamente e a razão reflexiva leva dez vezes mais tempo e, quando ela resolve, ela ainda não tem certeza. Ela fica em dúvida. Isso quer dizer o seguinte: nós não podemos nos livrar da razão reflexiva. Nós precisamos dela. Mas, nós devemos policiar o seu funcionamento. Quando ela começar a ir para muito longe da razão espontânea, você manda parar.

Agora, todo o nosso sistema educacional nos induz a esquecer a razão espontânea e a excitar a razão reflexiva o tempo todo. Ao ponto de que as pessoas preferem um erro que elas possam expressar verbalmente a uma verdade inexpressável. Mais ainda: preferem errar junto com os outros que acertarem sozinhas. É esse exatamente o procedimento contrário ao que eu estou tentando ensinar aqui. Vale mais você entender uma coisa realmente que você não possa explicar pra ninguém do que você conseguir explicar pra todo mundo e convencer todo mundo de uma coisa que está totalmente errada.

A facilidade com que idéias erradas se espalham na sociedade vocês já conhecem. Todos vocês têm a experiência disso. Não só idéias erradas, mas mentiras escabrosas. Porque aí você está lidando num plano do domínio verbal que uma pessoa tem sobre a outra. Existem pessoas que falam melhor e mais

rápido, que falam mais e usam recursos cênicos mais persuasivos e todo mundo entra naquilo. O número de mitos, lendas e absurdidades nos quais se baseiam a opinião pública hoje é uma coisa absolutamente assombrosa, assombrosa, assombrosa. Existem pessoas que acreditam em coisas que são puras histórias da carochinha. Principalmente as crenças que as pessoas mantêm no que diz respeito ao que é científico. Coisas que as pessoas acreditam que são verdades científicas comprovadas. Praticamente tudo que o cidadão comum acredita ser uma verdade científica comprovada não é nem verdade, nem científica e nem comprovada. Frequentemente, é o contrário do que foi comprovado. E quando nós pegamos o material mesmo da ciência, a documentação, e vemos o que de fato foi discutido e qual foi a conclusão real, às vezes, é uma coisa de você cair de costas. Porque é absolutamente contrário à crença comum. Algumas dessas falsidades circulantes vocês já perceberam que são falsidades, mas existem muitas que estão nas suas cabeças ainda que nem suspeitem. Vejam. O aprendizado da filosofia é um aprendizado de independência **[01:20:00]** intelectual do seu meio social. Da sua cultura em particular. Através da abertura a outras culturas de outras épocas e através da abertura à realidade que se apresenta na razão espontânea. Muitas comunidades humanas são como se fossem uma conspiração contra o universo. É como se ajuntassem-se dez pessoas e elas dissessem: de agora em diante nós só vamos acreditar no que nós falamos. Tudo o mais, para nós, é duvidoso ou é falso. Então, passa a existir para ela só aquilo que é patrimônio cultural reconhecido. E o resto? E o universo? O universo que se dane. Então, o aprendizado da filosofia é o contrário. Você vai criar uma cumplicidade com o universo. Uma cumplicidade com a realidade que se apresenta na razão espontânea e vai ser fiel a ela mesmo quando todo mundo diga o contrário. É claro que vocês têm a sorte de vocês poderem fazer isso também em comunidade. Vocês têm colegas, grupos que se reúnem para assistir a esta aula. Hoje, um deles ia transmitir a imagem. Infelizmente, não conseguiram uma transmissão boa, mas vamos ver se, na próxima, conseguimos. Então, vocês estão fazendo isso em comunidade, não estão sozinhos. Imaginem agora como Sócrates ficou na hora que começou a perceber essas coisas. Começou a perceber umas obviedades - que todo mundo negava, pois todo mundo acreditava o contrário - e, pela idade relativa em que ele começa o seu ensino público, você vê que durante muito tempo ele conservou aquelas coisas para si. E quando aparece Sócrates nos Diálogos Platônicos, ele já é homem feito. Ele tem uns cinquenta anos, algo assim. E ele não descobriu aquelas coisas naquele momento. Ele já sabia antes. Houve um período em que Sócrates dialogava com o universo sobre coisas que não poderia dialogar com as outras pessoas. Para dialogar com as outras pessoas, ele teve que criar um método para tornar gradativamente compreensivo para elas as percepções que ele tinha tido, por assim dizer, pelas costas delas, sem que elas soubessem nada daquilo.

Quando eu insisto que o aprendizado literário é o primeiro e, na verdade, o único que interessa, isso se deve ao fato de que se você tiver este, o resto você aprende sozinho. É o seguinte: compreender a linguagem humana com todas as suas sutilezas e as suas nuanças como uma experiência viva de intercâmbio com outras pessoas. Não como transmissão de conteúdos catalogados, dicionarizados e informatizáveis. Por exemplo, se você pegar os conceitos

usados numa ciência: o ideal de uma ciência é estabilizar de tal modo os seus conceitos e seus métodos que um computador possa realizar o trabalho no lugar do ser humano. Só isso já mostra que tudo que nós chamamos de ciência é uma atividade intelectual inferior. Ela é automatizável. O ideal dela é tornar-se automatizável. Graças a Deus, nunca consegue. Quer dizer, ainda é preciso uma dose formidável de inteligência para a prática das ciências porque todas elas são imperfeitas. Porque, se fossem perfeitas, era só informatizar tudo e transformar num plano de computador e o computador fazia as pesquisas seguintes. Quer dizer, reduzir tudo a um protocolo repetível é o ideal das ciências. Esse ideal não é atingível, graças a Deus. Porque se ele fosse atingido, a ciência destruiria a inteligência humana no mesmo momento (a ciência no sentido atual, está certo? E que, na verdade, é um conceito falso de ciência).

Dito isso, vamos passar à segunda parte que diz respeito justamente ao ensino literário. Mas como pediram para fazer uma pausa, então vamos fazer uma pausa de cinco minutos, está bom?

...

Bom. Vamos voltar. Já que estamos falando da educação literária, precisamos levar em conta o seguinte: os grandes momentos da literatura universal só acontecem em meios onde a linguagem do escritor, do poeta, é mais ou menos a mesma linguagem da cultura em torno, da sociedade inteira. Apenas um pouco mais elaborada ou muito mais elaborada. Muito mais condensada e eficiente, por assim dizer. Isso quer dizer que o mundo imaginário do poeta, do escritor, não é muito diferente da imaginação do cidadão comum. É apenas mais rico e mais claro para ele. É como se ele tivesse penetrado no mundo da razão espontânea que, certamente, é o mesmo nele e nos outros, com um pouco mais de atenção, ou seja, enquanto na maior parte das pessoas, a razão espontânea vai funcionando e elas vão esquecendo os produtos da razão espontânea, o poeta (tanto faz poeta ou filósofo, ambos deveriam fazer isto) se detém um pouco mais ali para fazer o exercício Socrático de tomada de consciência daquilo que você já sabe. Então, se você remontar à Europa do século XIII, você verá que o mundo de Dante ou de São Tomás de Aquino não é muito diferente do mundo do cidadão comum, do camponês medieval. O que eles acreditam é mais ou menos a mesma coisa. Os seus sentimentos de base são mais ou menos os mesmos. Apenas, o sábio sabe mais. Essa é a única diferença. Porém, quando você dá um salto para a poesia moderna, você vê que o mundo de um Mallarmé ou até de um T. S. Eliot pode ser absolutamente incomunicável a um cidadão comum. Quer dizer que a poesia se tornou hermética. A filosofia então, nem se fala. Então isto significa que existe uma cultura para a maior parte das pessoas e outra para as pessoas de cultura. É claro que os produtos, tanto da literatura quanto da filosofia, não podem ter nessas épocas aquela força imensa que tinham, por exemplo, as obras de Platão ou o poema de Dante ou o teatro de Shakespeare ou a filosofia de São Tomás de Aquino. Por quê? Porque você já não personifica uma cultura inteira. Você personifica um grupo e fala a linguagem desse grupo. Ora, quer isso dizer que, nessa épocas onde a cultura já não tem unidade, está tudo perdido? Não dá pra fazer nada? Claro que dá. Por quê? Porque a fragmentação, a

ruptura nunca pode ser total. Porque por baixo de tudo ainda existe a razão espontânea. Nós vamos dizer que nessas épocas mais favorecidas é como se a razão espontânea estivesse mais à mostra. As pessoas são mais sensíveis àquilo. É por isso que quando o homem sábio fala, o poeta fala, todo mundo o entende de algum modo. Porque ele está se reportando a experiências que as pessoas, no fundo, têm também.

Hoje em dia, não apenas existe a ruptura entre a cultura dos homens cultos e a chamada cultura de massas, mas existe ainda outro fenômeno no qual vocês têm que prestar muita atenção porque define uma das condições básicas da nossa vida hoje em dia que é o senso comum fabricado. É uma coisa que nunca existiu na história humana, que só começou a existir a partir do século XX.

Quando, no século XII, XIII ou IX, o Papa dava uma ordem, emitia um decreto, quanto tempo levava até chegar ao último padre que estivesse na região mais afastada? Levava anos ou décadas. Isso significa que o imaginário das pessoas, os seus sentimentos de base, **[01:30:00]** a cultura da razão espontânea, por assim dizer, ou o "senso comum", como chamaria Antonio Gramsci, era de formação muito lenta. Levava gerações e gerações. Ninguém tinha controle sobre este processo. O senso comum se desenvolvia ao fio da experiência real das pessoas. A partir da hora em que inventaram um negócio chamado "meios de comunicação de massa", isto quer dizer que um número reduzidíssimo de pessoas, de técnicos, é capaz de povoar o imaginário das pessoas com o que eles quiserem e com um impacto muito maior do que qualquer experiência real terá. Essa é uma das condições básicas que define a nossa vida hoje.

E uma das consequências que isso deveria ter para os estudantes de filosofia é o reconhecimento de que nada que é crença comum pode ser aceito mais, pois em tudo se encontra o dedo da fabricação do senso comum postiço, tudo! De certo modo, voltamos a uma situação quase primitiva, na qual nós temos que elaborar nossos próprios símbolos a partir da experiência real e a cultura está nos ajudando muito pouco a fazer isso (pelo menos a cultura de massas).

Ora, é muito fácil ficarmos revoltados com a cultura de massas e falarmos mal dela. Mas nós temos que entender também que ela é um elemento absolutamente necessário para a economia moderna. A economia moderna, a partir do surgimento do processo de produção capitalista, ela, como dizia Karl Marx, liberou forças produtivas imensas, que a humanidade jamais conheceu, e melhorou assombrosamente a vida das pessoas. Não há comparação entre a condição material de uma pessoa sob o capitalismo e qualquer dos séculos anteriores. Então, é claro que nós não podemos desistir disto. E é claro, também, que dentro do processo de produção capitalista, a velocidade das transformações econômicas e sociais é tal, que é impossível você esperar unificar mais ou menos a sociedade mediante aquele processo de formação espontânea do senso comum como havia antes, não dá tempo. Se não houver um elemento como a cultura de massas que cria um imaginário para as pessoas, então a sociedade vai se desintegrar muito rapidamente. Então, o que acontece? Existe essa integração forçada, por assim dizer. Integração fabricada pela classe dos publicitários, dos intelectuais, dos jornalistas, dos

cineastas, do pessoal de teatro e cinema, etc.

Então, nós não podemos dispensar a cultura de massas. Mas, é claro que nós que estamos estudando e que pensamos um pouco maisa longo prazo, não temos porque aceitar que a situação social, momentânea, ainda que inevitável naquele momento, deva durar para sempre ou tenha o valor de uma autoridade na qual todos nós devemos confiar. Nós podemos pensar em alternativas. Nem tudo tem que ser do jeito que está sendo. O que está sendo agora foi uma solução encontrada mais ou menos a toque de caixa para uma situação criada pelo desenvolvimento da economia. Não é necessariamente o que é melhor para os seres humanos e nem é a única maneira de fazer as coisas, pode haver alternativas, sobretudo pode haver alternativas para nós.

Ora, nenhum ser humano pode aprender tudo por experiência própria: nós sempre dependemos do legado da cultura. No entanto, se o legado da cultura se torna duvidoso, problemático ou até destrutivo, o que é que podemos fazer? Bom, nós podemos simplesmente nos desaculturar. Não vamos renegar esse material que estamos recebendo, mas vamos sim ampliar o nosso campo de referência para aprender com pessoas de outras épocas, de outros lugares, de outras situações sociais e podermos ter meios de comparação para que possamos ter um repertório de alternativas um pouco maior e saber que as coisas não têm que ser necessariamente do jeito que estão sendo agora. Então, esse processo de desaculturação, longe de isolar você do meio social, −quer dizer, você não vai rejeitar a cultura de massas que está aí, você vai aceitá-la como ela vem− fará com que você se coloque dentro de um campo de referência maior onde possa fazer escolhas. Como eu já expliquei em outra aula, o seu diálogo não será mais só com o meio social imediato ou com a cultura que chega até você, mas vai ser com todos os homens de todas as épocas e lugares representados pelos seus tipos mais notáveis que deixaram obras dignas de serem conhecidas até hoje. Então, o que nós vamos procurar é aquilo que os escolásticos diziam assim: em vez deacreditarmos apenas no que as pessoas do nosso meio, de nossa sociedade,acreditam, nós vamos buscar, aquilo que diziam os escolásticos, todos, sempre, e em toda parte, acreditaram. Aquilo que é crença comum da humanidade. Decerto isso é muito mais poderoso que a crença comum da sua sociedade, com a condição de que você o conheça.

Tão logo você obteve esse plano de referência, você não está fora da cultura de massas, mas está imunizado contra o que ela pode ter de incapacitante e de estupidificante, que é o que interessa. O que interessa não é você lutar contra a cultura de massas, é a coisa mais absurda lutar contra a cultura de massas, não se pode lutar contra uma coisa que é absolutamente necessária dentro da economia. Veja que todos os críticos da cultura de massa sempre acabam criando uma cultura de massas pior ainda. Eu observo, por exemplo, esse pessoal esquerdista que fala da cultura de massas do capitalismo, e digo: meu filho, o que é a cultura de massas no capitalismo comparada ao que é no socialismo, onde é tudo uniformizado e onde se você vê uma mentira oficial não existe alternativa àquela mentira oficial? No capitalismo pelo menos você tem diversas mentiras diferentes e você pode escolher (pelo menos você podia até algum tempo atrás, agora está ficando cada mais difícil, pois tudo está

sendo centralizado). Mas, por exemplo, entre diversas propagandas enganosas de diversas marcas diferentes, você pode confrontar as mentiras umas com as outras e ver qual é a menos prejudicial. Então, os críticos da cultura de massa acabam criando uma cultura de massa infinitamente mais opressora, então não é isso que nós devemos fazer. Nós não estamos aqui a fim de criticar a sociedade, nós estamos apenas a fim de nos preservar, a nós pessoalmente, dos seus efeitos intelectualmente daninhos. É só isso que nós temos que fazer.

À medida que se amplia o seu campo de referência, à medida que você torna presentes esses elementos da grande cultura de outras épocas, você vê que a sua libertação da cultura de massas agora não é nem um pouco dolorosa, não vai te deixar num isolamento psicótico, não vai tornar você maluco, mas pode fazer com que você tenha muitas idéias que ao seu meio social parecerão estranhas. E, ao mesmo tempo, qual seria a sua participação nestemeio social? Se você desejar a aprovação dele, você vai ficar numa situação muito difícil. Se você tentar virar as costas para ele, você vai virar um ermitão. Então, vai haver aí uma tensão entre você e o meio social. E esta tensão só se resolve no instante em que você entende queestá colocado neste meio social para ajudar outras pessoas, não para receber o que quer que seja. Você vai receber da cultura de outras épocas, não da sua cultura presente. Você não vai se alimentar da Folha de S. Paulo,da Rede Globo,daUSP, mas sim de Aristóteles, de São Tomás de Aquino, de Dante, de Goethe, de Shakespeare, mas sim do que houve de melhor, **[1:40]**porque, no fundo, a cultura é isso, como MathewArnold dizia: “aquilo que foi feito de melhor pelos homens melhores”. Esse vai ser o seu campo de referência e é a estas pessoas que você tem que prestar satisfação. Aos outros, você não tem que prestar satisfação nenhuma, você pode ajudá-los e se eles não quiserem ser ajudados, mande-os lamber sabão, porque você não vai perder nada, quem vai perder serão eles.

Então, você vai ter que ter uma atitude benevolente para com a sociedade, mas uma atitude ao mesmo tempo superior. Você estará como um bombeiro que está tentando tirar alguém de dentro do incêndio e se o indivíduo ficar bravo com você, dê-lhe uma porrada na cara, desmaie o sujeito e leve-o para fora. No dia seguinte, ele vai agradecê-lo. Na hora ele pode ficar bravinho, mas tem lá uma velhinha paralítica, ela não quer sair da sua cadeira de rodas e tal e fica brava, lhe esmurra a cara, o que você vai fazer? Concordar com ela? Não, você irá tirá-la no muque. Eu melembro de uma vez em que um cachorro louco invadiuuma festinha de criança, a festa dumavilinha. Um parente meu tinha um cachorro que se chamava “Caráter” e o Caráter pegou hidrofobia e sumiu. No outro dia ele voltou no meio da festa, uma festa de São João cheio de criançada ali na vila e mordeu todo mundo. Era preciso pegar aqueles desgraçados para tomar a tal da vacina anti-rábica, que é uma injeção na barriga—uma coisa horrorosa—, e os meninos fugiam. Então, o que é que fizemos? Chamamos a polícia pra ajudar e fomos nós e mais um bando de policiais capturando os moleques para levar à força. Ninguém gostou evidentemente, mas não era possível perguntar se eles estavam gostando ou não, ali você simplesmente tinha que fazer. Então, muitas vezes, do ponto de vista intelectual, nós estamos nesta mesma posição de poder dizer:“Ó meu filho, eu vou dizer uma coisa aqui que você vai achar um absurdo, você vai

ficar com raiva de mim, me diagnosticar com psicopatologia,fazer o diabo e eu não vou nem ligar, porque eu não quero saber o que você pensa. Você é uma besta quadrada, não está sabendo de nada, está chegando agora, e eu sei o que estou fazendo. Então eu vou continuar falando isso e você, que ficou tão bravinho no começo, depois de uns 2 ou 3 anos vai começar a pensar um pouco e verá que eu tinha razão.” Isso já me aconteceu tantas vezes, mas tantas vezes, que já virou rotina, e a mesma coisa vai acontecer com vocês. Vocês, à medida que aprendem, terão opiniões que serão rejeitadas no seu meio. Se você quiser a aprovação dessas pessoas, elas vão te esmagar. Mas você precisa aprender a ter uma relação com elas que é um tipo diferente daquilo que você está acostumado a chamar de amor ou de afeição. Você está acostumado com afeição que é retribuída. Mas você pode ter uma afeição que não é retribuída porque a retribuição seria demasiado miserável. “Olha, meu filho, eu vou lhe ajudar, e eu não quero nada de você porque tudo que você tem para me dar, não significa nada.” Então, aí, você começa a ter amor ao próximo num nível um pouco superior. É o amor sem recompensa. Você está fazendo o trabalho divino e isso é uma satisfação muito maior do que a afeição de todo o seu meio social. Espero que vocês me entendam, quer dizer, esta é uma experiência que eu tenho com muita freqüência. Eu sei que estou tentando ajudar as pessoas e elas estão loucas da vida comigo. E, quando elas passarem a gostar de mim, não fará a mais mínima diferença. É exatamente a mesma coisa, porque elas não possuem nada para me dar. Então, eu estou fazendo isto porque Deus me mandou fazer, e não porque eu precise da sua maldita amizade. Se quiser ser meu amigo, ótimo, é bom para você. Se quiser ser meu inimigo, não haverá amínima diferença.

Todos vocês estarão nesta mesma posição mais dia menos dia. Se continuarem estudando e se fortalecendo, vão ficar exatamente nesta posição. E eu garanto a vocês que esta posição é muito melhor do que a de um membro comum da sociedade, que precisa ser aprovado por ela, etc, e também muito melhor do que a do marginal, ermitão, que está contra todo mundo. E também infinitamente melhor do que a do revolucionário que pretende mudar toda a sociedade. Nós não estamos aqui pretendendo melhorar a sociedade, nós estamos pretendendo melhorar pessoas. Nós podemos até ter uma ação transformadora sobre as pessoas, mas são indivíduos humanos. A nossa pretensão não será a de reformar a sociedade inteira, ninguém tem capacidade de reformar a sociedade inteira. Todo mundo que tenta fazer só dá caca, vocês sabem perfeitamente disso. Quer dizer, quer um sujeito mais idealista que Lênin, ou Hitler, “eu tenho umas idéias incríveis aqui,vamos aplicar isso aqui a ferro e fogo para todo mundo”, ninguém pode ter conhecimentos a esta altura, nós temos que ter conhecimento suficiente para ajudar uma pessoa, um grupo, pois para a sociedade inteira ninguém tem. Então, nós nunca somos superiores à sociedade. Nós podemos, vamos dizer, nos tornar independentes, imunes, a certos males que existem nela. Mas algum serviço você vai ter que prestar a ela para justificar a sua existência. E você também não pode se colocar acima de todo o julgamento que todas as pessoas farão. Você vai se colocar acima de certo tipo de julgamento que é o julgamento a partir de estereótipos, de preconceitos, etc, mas também é só isso.

Muito bem. Quando se rompe a unidade da cultura e os representantes da alta cultura já não possuem a mesma linguagem das pessoas comuns, então acontece que a cultura, a alta cultura, tende a se tornar artificial, inteiramente desnecessária. Ela já não diz nada a ninguém. Como é que nós podemos corrigir isto? Nós podemos corrigir porque, primeiro, a ruptura nunca é total. Alguns elementos da antiga cultura unitária sempre permanecem. E segundo, se você estudar, você descobre como eram as coisas no tempo em que a sociedade tinha uma cultura mais unificada e você pode falar às pessoas, não para a consciência que elas têm no momento, mas para aquele resíduo de recordação ou de aspiração que sobrou da herança histórica da cultura unificada. Então, isso quer dizer o seguinte: o cidadão de hojepode ser uma mente totalmente deformada pela cultura de massas. Mas é só a sua razão refletida que está deformada, a razão espontânea continua funcionando do mesmo modo. É claro que as pessoas podem estar tão divididas (se a cultura é dividida, as pessoas ficam divididas também), tão afastadas da sua razão espontânea, quepreferem uma mentira que elas mesmas inventaram, antes que uma realidade percebida. Ou podem preferir a mentira que elas compartilham em comum com outras pessoas, a uma verdade que elas perceberam sozinhas. Ou seja, nós chegamos ao ponto da negação da razão espontânea. E daí a razão espontânea começa a aparecer só inconscientemente, como no caso do baralho. Não foi o sujeito que percebeu a coisa do baralho, foi a mão dele. A mão é mais inteligente do que ele. Então aí nos temos que ajudar estas pessoas a se aprofundar um pouco dentro de si mesmas, a diminuir o ritmo do seu falatório mental, para que elas possam voltar a perceber coisas que já sabem. Isso leva algum tempo.

Agora, o mais difícil é o seguinte: é que esta realidade que é sabida no nível da razão espontânea, e negada no nível da razão refletida, ela chega a aparecer na consciência de maneira invertida, ela aparece como um fantasma, uma coisa terrorífica,horrível. Isso acontece com muita freqüência. Ou seja, aquilo que o sujeito sabe perfeitamente, mas que ele não quer saber, aparece para ele exatamente como uma fórmula da mentira, do mal, de tudo o que ele odeia. Na verdade, isso é ódio a si mesmo, ele está pegando a melhor parte dele mesmo e está jogando no lixo,trocando-a por uma coleção de estereótipos que ele absorveu da *Folha de S. Paulo*, d´*O Globo*, etc, etc.

Eu vou dar um exemplo de como se deforma a cabeça das pessoas de hoje, de como é fácil esta deformação. Veja: quando começou a surgir **[1:50]**a imprensa popular, a partir do século XVIII, XIX, o número de órgãos de imprensa era imenso, imensamente variado. Então, por exemplo, aqui nos EUA cada cidadezinha tinha 2, 3 jornais. Isso já no tempo do Velho Oeste. A partir dos anos 30 e 40 do século XX começa uma unificação dessa mídia, ou seja, os maiores começam a comprar os menores. Então você tem, por exemplo, redes de jornais no qual um sujeito, uma mesma empresa tem 400 jornais e com isso os jornais pequenos vão fechando, eles não agüentam a concorrência. Ora, se você compra vários jornais, não vai manter 400 redações diferentes, você vai demitir 80% da redação e você vai ter uma central, que distribui a notícia para todos os jornais, e só tem lá mais 2 ou 3 redatores para dar lá um toque local, para fingir que o jornal é local, quando na verdade ele é igualzinho ao jornal da capital. Mesma coisa com canais de televisão e estações de rádio. Estações

de rádio menos, porque aqui(nos Eua) é absolutamente fácil abrir uma estação de rádio. Então no rádio você conserva alguma diversidade, mas nos jornais não. Você pega o jornal de interior aqui e vê que quase todas as notícias deles vêm de uma central. Ou vem das mesmas agências de notícias, ou vem do jornal matriz que distribui para vários. Uma empresa que começou a fazer isso no Brasil foi a *Folha de S. Paulo*. A*Folha de S. Paulo* comprou um monte de jornais eos jornais só diferiamno título. O título e a primeira página, o conteúdo interno era o mesmo conteúdo da *Folha,* diminuído e recortado. Então, eu me lembro, por exemplo, quando a *Folha* comprou o *Última Hora*, que era um jornal enorme. Lembro-me da antiga redação da *Última Hora* ali na Anhangabaú, era imenso, centenas e centenas de pessoas. A *Folha* comprou o*Última Hora* e começou produzi-lo com 20 pessoas. Tinham o mesmo título, mais ou menos a mesma capa, mas o conteúdo todo era o conteúdo da *Folha*. Só mudava um pouco a primeira página. A mesma coisa nos canais de televisão. Essa centralização permite que um número reduzidíssimo de empresas fabrique o senso comum. Como é que fabricam? Dizendo a mesma coisa desde fontes aparentemente diferentes que no fundo são a mesma fonte. Então aparecem 400 publicações, aparentemente diferentes, concordando no mesmo ponto. Não é concordando no sentido de que houve um debate e eles tomaram um lado, não, não tem debate. A conclusão já é afirmada previamente ao debate.

Ora, o cidadão comum, vendo esta unanimidade,não tem nem imaginação para escapar disto. Ele acaba acreditando naquela coisa. Ora, sobretudo isso se faz hoje no que diz respeito à ciência. O cidadão comum acredita que existe um consenso científico que já estabeleceu certas coisas como verdadeiras. E quem quer quesiga outras coisas, está contra a ciência. Ora, como se forma um consenso científico? Através da confrontação de hipóteses. A confrontação de hipóteses é o próprio método científico. Onde não houve confrontação de hipóteses, não houve investigação científica nenhuma. Portanto, eis aí uma recomendação: onde você vê uma conclusão científica oferecida para você, sem que tenha aparecido claramente a contradição, o confronto de hipóteses contraditórias, é empulhação. Sempre é empulhação! Não há uma única exceção. Porque se existe um noticiário científico verdadeiro, ele acompanhará as pesquisas científicas e as pesquisas são feitas de contradições. Se não apareceram as contradições, se você só receber o resultado final, é porque não houve o confronto anterior, ou o confronto anterior foi suprimido da mídia popular, pela razão de que, se fosse apresentado o confronto, o resultado final já não teria aquela certeza aparente, que é exatamente o que se quer vender.

Um exemplo característico é o do debate sobrecertidão de nascimento do Obama. A posição da totalidade da grande mídia aqui nos EUA é a seguinte: vocês são uns loucos, porque o Obama já provou que ele nasceu no Havaí eprovou através da certidão de nascimento que ele publicou. Ora, mas acontece que é exatamente essa certidão de nascimento que é a certidão resumida, é esta que está em questão.Primeiro: porque ela tem sérios indícios de falsificação. Segundo: porque o mesmo documento pode ser dado a estrangeiros. Terceiro: porque este documento não é aceito numa série de repartições americanas. Quarto: porque neste documento falta uma série de

informações, como hospital onde nasceu, qual foi o médico que atendeu, etc. Então, uma das mais velhas figuras da erística, da falsa retórica, é você usar como premissa de um argumento precisamente aquilo que está sendo questionado. Veja, o porta-voz da presidência, o tal do Gibbs, ele disse oficialmente isto. “Vocês não podem questionar o nascimento do sujeito porque ele já publicou a certidão de nascimento.” Mas o que está sendo questionado é precisamente esta certidão. E não adianta você examinar a certidão, não adianta você fazer análise crítica dela, porque eles vão repetir eternamente a mesma coisa, como se não tivessem ouvido nada. Então: “faz de conta que não sabe” tudo que existe de duvidoso em relação àquela certidão e usa de novo, e de novo, e de novo a certidão como prova, quando ela é justamente o ponto que está sendo contestado. Isso aqui acontece o tempo todo. Então você cria um falso consenso e a partir do falso consenso você tem autoridade para você rir da pessoa que contesta aquilo. Esse mecanismo ele é uniforme. Isso acontece, assim, toda a vida, o tempo todo.

Quer ver um exemplo, eu poderia passar até como um exercício para vocês: vocês peguem a campanha antitabagista e examinem a retórica da campanha anti-tabagista. Então, me digam o seguinte: quando que vocês viram, em algum jornal ou canal de televisão, um debate confrontando, por exemplo, digamos, um sujeito que diz que o tabaco faz mal e um que diz que não faz mal algum, vocês já viram isso alguma vez? Não! Mesmo quando existe uma discussão é de direitos civis. Então, aparece o sujeito dizendo: “eu tenho o direito de me envenenar e o Estado não pode interferir”. Então a discussão é no plano jurídico, jamais no plano médico. Então, não houve discussão alguma. Se não houve discussão alguma, como é que você pode dizer que houve ciência? Por exemplo, a confrontação de estatísticas diferentes. Eu recebo freqüentemente avisos aqui: “Não, você precisa parar de fumar, você está se envenenando, você vai morrer, etc.” Um dos efeitos da campanha antitabagista é que ela deu às pessoas o direito de elas serem intrusivas, e conselhos de saúde não solicitados são uma coisa terrivelmente ofensiva. Ninguém tem o direito de dar: “Não, eu estou falando para o seu bem!” Pelo simples fato de estar me falando, já está me fazendo mal. Porque você está me reduzindo... eu faço parte da juventude marginal e você representa o e*stablishment* adulto. É horrível isso aí, é uma falta de educação monstruosa. Mas a campanha anti-tabagista deu esse direito às pessoas, não é? Pelas estatísticas nós sabemos, por exemplo, que a duração média da vida aqui nos EUA é de 72 anos. Entre os homossexuais é de 54. Agora, você tem o direito de chegar para um homossexual e dizer: “Largue disso, você está arriscando a sua vida, você vai morrer mais cedo.”? Ah, não pode. **[2:00]**Então você vê que existe alguma coisa errada nisto aí.

Há vários trabalhos científicos a respeito disso, você verá que existe um número enorme de trabalhos estatísticos que provam a total inocuidade do fumo e existem outros trabalhos que mostram os benefícios do fumo para a saúde. Só que você fala isso e as pessoas riem. *“Benefícios do fumo para a saúde?!* Da onde vem esta segurança com que o idiota se acredita montado na razão ao ponto de rir da hipótese do outro? Vem deste mesmo processo do senso comum fabricado.

Se você não acredita nisso e vai ver o bloco de trabalhos científicos, verá que não há motivo nenhum para rir. Isso é uma coisa muito séria, existe, e a confrontação estatística então, é monstruosa! No Japão as pessoas fumam duas vezes mais do que nos Estados Unidos e tem metade do número de enfartes e câncer no pulmão. Na Califórnia, o número de fumantes diminuiu para um terço, o número de asma multiplicou por quatro. E assim por diante.

A coisa mais óbvia no método científico é que, se suprimida a causa, não se suprimiu o efeito, é porque não era a causa. Isso é a coisa mais óbvia! *Ah não, mas aconteceu alguma coisa, apareceu uma nova causa!* Sempre aparecerá uma nova causa! Esta campanha tabagista é um exemplo característico onde o estudioso tem a obrigação de saber quais são os meios de persuasão que estão sendo usados e se são confiáveis ou não. Desde já, qualquer campanha de grande mídia, qualquer uma, é sempre empulhação, sempre! Não há nenhuma única exceção! Onde a mídia faz um consenso é porque é mentira e ela faz precisamente por causa disso. Ou seja, a grande mídia não é mais confiável de maneira alguma! Ela podia ainda ser uma fonte de informação até digamos vinte, trinta anos atrás, hoje não pode mais. Justamente pela velocidade com que ela cria um consenso uniforme no mundo inteiro, já deveria ser o suficiente para o cidadão comum entender que não houve debate, não houve confrontação, vem este produto final e eles querem que você aceite isso, como se fosse o resultado de uma investigação científica séria. É a mesma coisa com relação ao evolucionismo, com relação ao aquecimento global etc.

Eu não considero que seja defensável para um estudante de filosofia ~~ele~~ levar a sério nada da grande mídia. Nada, nunca mais! Vocês podem tirar o cavalo da chuva. Aquilo que parece razoável ao meio, ao ambiente de senso comum criado pela grande mídia, nunca pode ser usado como argumento ou como premissa de coisa nenhuma. Nunca, nada! Por quê? Porque os meios de comunicação de massa foram brutalmente unificados nos últimos vinte ou trinta anos e hoje, eles não têm mais nada a ver com noticiário, com informação, é só campanha publicitária em todos os domínios. Prestem bem a atenção! Eu mesmo, quando comecei a perceber isso, vários anos atrás, eu achei que era uma tendência vaga, uma coisa mais de tipo sociológico. Hoje entendo que não é, foi unificação mesmo. Nos Estados Unidos tem cinco empresas que mandam na comunicação de massa, então, graças a Deus surgiu a internet que permite você ter acesso. Um dos artifícios usados pela grande mídia é dizer: *não, essa coisa é coisa de internet!*. Quer dizer, a grande mídia está dizendo: *Aquilo que eu não publiquei não é confiável*. Eu digo: *mas isso é argumento que se apresente?*

Vocês não imaginam o número de cartas que eu tenho recebido de gente que diz: *você cita fontes não confiáveis, porque são fontes desconhecidas*. Olha, eu estudei o suficiente para saber que o que não é confiável é o New York Times, não é confiável jamais! Por exemplo: o noticiário do Oriente Médio do New York Times é tudo mentira da primeira à última linha; é sistemático, é propaganda. Então, esta segurança que as pessoas tem: *Não, nós estamos em um meio onde existe uma classe de pessoas que sabe as coisas e nos informa.* Esta certeza você vai ter que abandonar. Enquanto ~~você~~ não abandoná-la você não vai entender nada. Enquanto você não começar a conferir tudo o que vem

da grande mídia — não é tudo, tudo você não pode conferir, mas tudo o que é uniforme —, quando aparecem todos os jornais dizendo a mesma coisa, aí é para você duvidar. Onde eles divergem é porque, se está tendo divergência, alguém está buscando a verdade. Um pode estar mentindo e o outro dizendo a verdade, mas quando todos dizem a mesma coisa ~~aí~~, justamente, é que é para duvidar.

A análise da retórica publicitária confrontada com os procedimentos semânticos e estilísticos dos grandes escritores é uma das experiências mais formidáveis que você pode ter na vida. Porque aí você entende o que é realmente a alta cultura e quais são os problemas da alta cultura numa época de cultura de massas. E você entende também que o que pode sobrar de alta cultura em um determinado país depende, justamente, de que haja um círculo de pessoas imune à grande mídia, senão não a alta cultura sobrevive. Isso acontece aqui nos Estados Unidos. Aqui está cheio de intelectuais de primeiro plano que há vinte anos não lêem o New York Times, o Washington Post, não ouvem a CNN, porque sabem que não vão aprender nada. Agora, no Brasil, a autoridade dos jornais, da mídia é uma coisa assombrosa! O simples fato de haver uma entidade como a rede Globo que tem 70% de audiência, isso garante o fim da alta cultura. Não há quem resista, é uma coisa impossível. Uma geração inteira de pessoas no Brasil, foi levada a acreditar que o Chico Buarque de Holanda é um escritor. Uma ou duas gerações! Isso nos Estados Unidos é impossível! Isso é a mesma coisa que dizer que Michael Jackson é um poeta. Aqui, nos Estados Unidos, todo mundo sabe qual é a diferença entre cultura de massa e alta cultura. O pessoal sabe e não tem jeito de apagar, por mais estupidificante que seja o impacto da cultura de massa, o círculo de pessoas envolvidas em alta cultura é grande demais.

No Brasil, tudo foi destruído e vocês vão ter que reconstruir. Por isso mesmo vocês vão ter que ser espartanos. Cultura de massa não! A grande mídia não, nunca! Mesmo que ela diga tudo o que eu quero ouvir. Claro, você pode usar a cultura de massa como um instrumento de informação sobre o que a cultura de massa quer que você acredite; assim como você ouve um mentiroso só para saber qual é a mentira dele, mas é só por isto. No Brasil, o cinismo da grande mídia é uma coisa que não se compara com os Estados Unidos, porque está muito mais centralizado no Brasil e, fora da grande mídia, não há o mais mínimo capital para você fundar um jornal, uma revista. Nos Estados Unidos ainda tem muita **[02:20:00]** coisa independente; no Brasil não tem nada! *Ah, eu quero fazer um jornalzinho*. Você vai conseguir fazer um jornal mensal que, se for um sujeito muito sortudo, vai entregar para duas mil pessoas. E mesmo os veículos de internet no Brasil estão muito mal usados porque não há independência mental suficiente para pensar fora dos parâmetros da grande mídia. Para pensar fora dos parâmetros da grande mídia, você tem que ter muita cultura, tem que saber muita coisa e é o que vai acontecer com vocês. Vocês vão aprender muita coisa e vão adquirir a verdadeira independência.

No Brasil todo mundo acha que tem direito à própria opinião: *penso independentemente.* Porém quando o sujeito emite a opinião independente você vê que é igual a de todo mundo. O pessoal acha que independência é

uma questão de vontade, de auto-afirmação; eu digo: *não é!* Independência é uma questão de poder; alguns têm este poder, outros não. Este poder é conquistado através de muito estudo, muita reflexão, muita seriedade e, sobretudo, muita coragem. Enquanto você se sentir abalado porque suas opiniões são diferentes ou não serão aceitas, você ainda está no passivo. O meu professor de artes marciais dizia o seguinte: *Antes de você aprende a bater você precisa aprender a apanhar*. Apanhar como? Apanhar sem ligar, não prestar a atenção; apanha e continua. Até chegar um dia em que você não liga mais para apanhar e começa a bater. Enquanto está apanhando você não é uma força agente, ~~você~~ é um recipiente passivo da influência. Você só vai se livrar da influência não é se isolando, não é proclamando a sua independência, mas é abrindo-se à outras influências, que é a influência da alta cultura de todas as épocas, aí sim! Não tenho satisfação para prestar à rede Globo porque eu tenho satisfação a prestar a Santo Tomás de Aquino, a Shakespeare, aí não tem mais jeito, eles não te pegam mais; mas não enquanto você estiver dependente deles. Note bem, eu peço que cada um de vocês analise a sua dependência, veja quantas coisas que tem saído na mídia e vocês simplesmente acreditam; e quantas coisas que aparecem ali, que a simples hipótese de duvidar delas lhes faz ter medo de estarem loucos. Pergunte para você: *quantas vezes eu não tive a tentação de pensar alguma coisa, mas aí eu fiquei com medo de estar louco*. Mas, escuta, isso quer dizer que agora a medida da sua normalidade são esses doidos? Toxicômacos que escrevem jornais? Você entrega a sua saúde mental para que eles meçam? Aí você é doido mesmo! [2:23:51]

Cada um de nós tem que se tornar o fiscal único da sua sanidade e você vai medir a sua sanidade pela sua sinceridade com você mesmo, pela sua capacidade de falar com você mesmo e reconhecer as coisas que você sabe. É a sua transparência para você mesmo que é o critério para sua sanidade, não tem outro. Enquanto precisar de um terceiro, mesmo eu: *Olavo, eu estou louco?* Mas como é que eu vou saber? Problema seu! Eu cuido da minha loucura e você cuida da sua. Ora, esta espécie de solidão acompanhada que aonde você vai, você vai trazendo todo o legado da cultura, da religião etc. Isso o coloca numa posição soberana, não em relação à toda sociedade porque nós temos um dever para com a sociedade, mas em relação aos atuais donos da opinião pública. Eu trabalhei em jornais quarenta e tantos anos, eu conheço esses caras, conheço todos eles — não o pessoal da redação, mas os chefes de redação que são todos homens da minha idade. Eu conheço todos, eu não compraria uma caixa de fósforo de nenhum deles. Eu sei que são todos loucos, em geral bêbados, quando não toxicômanos, com problemas psicológicos terríveis. Quase todos eles passam a metade da semana no psicoterapeuta. Eu vou me colocar sob o julgamento desses infelizes? Mas nunca! Agora, se você vê o jornal pronto, o programa pronto, você não sabe da onde saiu, você não sabe o que é o ambiente onde se produz isso, que é um verdadeiro hospício! O ambiente de jornal, quando eu trabalhei no Estadão, já tinha até convênio no hospital psiquiátrico de tanto camarada que ficava louco lá dentro. Se você entrava normal você ficava louco ali dentro e olha que ali não era dos piores ambientes. Um dia pergunte para um jornalista aposentado: *como era o ambiente onde você trabalhava?* Eu me lembro que na redação do Jornal da Tarde era o maior consumo de álcool que eu já vi ao

longo de todo a minha vida. Eram todos bêbados. Pior, por influência deles eu virei bêbado também. Eu odiava beber e comecei a beber por causa daquelas pessoas. E essas pessoas é que dizem para os outros o que elas devem pensar? É uma coisa terrível! Eu me lembro que tinha um sujeito lá, que fazia previsão do tempo. Três vezes por semana eu via a seguinte cena: ele fazia a coluna dele, com a previsão do tempo, daí saía na rua e dizia: *puta merda*!, e voltava para refazer a coluna. É nessas pessoas que vocês confiam.

Mídia vocês esqueçam; mídia é lixo, 100%. Vocês têm que acreditar em livros, em estudos científicos, mídia jamais! Onde você lê: *uma pesquisa revelou,* faça o seguinte, vai ler a pesquisa. Em 80% dos casos você vai ver que não é o que dizem. Hoje em dia já começa a acontecer um fenômeno pior, as revistas científicas estão sendo compradas também. O "Lancet" que é a revista médica mais famosa do mundo já começou a publicar umas matérias de propaganda. Porém, tem o seguinte, a alta cultura está pronta, você tem o legado dos séculos, nesta você pode confiar e é ali que você tem que ir; sobretudo, porque aquilo foi realizado em uma época onde não havia meios de manipulação de massa como há hoje.

Hoje o pessoal está tão maluco que começa a analisar os fenômenos históricos de outras épocas à luz do que se sabe da cultura de massa de hoje. Por exemplo: *Como a Igreja Católica impôs suas opiniões por toda a Europa*, mas ela não impôs nem a si mesma! Quando você vai estudar você verá que o Papa não tinha meio de impor sua opinião nem dentro da Igreja. Hoje tem. O negócio da infalibilidade papal foi no século XIX, se ele fosse fazer isso no século XIII tiravam ele de lá; ia surgir tanta discussão, tanta divergência. Não havia meios de moldar a cabeça das pessoas como existe a partir do advento da cultura de massas. Vocês têm que levar isso em conta. Isso quer dizer que em outras épocas, qualquer época da história que você queira, você encontrará mais variedade, mais divergência, e discussão mais livre do que você encontra hoje. Não se iludam! Veja você a história dos Concílios. Por que se chamava Concílio? Para conciliar. E se era para conciliar é porque tinha divergências; eles eram feitos só de divergências. No entanto, há pessoas que dizem: *A Igreja Católica impôs sua doutrina monolítica e puniu os divergentes*. Meu Deus, se fosse punir os divergentes tinha que punir todo mundo!

Outro: *Ah!*, **[02:30:00]** *mas a Igreja perseguiu os judeus, etc*. Quando os judeus eram perseguidos, aonde é que eles iam buscar abrigo? Em Roma! Era o lugar mais seguro que tinha para os judeus na Europa. Por quê? Porque o Papa os protegia. Alguém sabia disso? Não, ninguém sabia, ninguém estuda. Tinha bispo, tinha cardeal perseguindo judeu? Tinha um monte, por isso mesmo eles iam para Roma. Isso mostra que, primeiro, o Papa não tem o menor controle sobre o que eles estavam fazendo e, segundo, o Papa estava querendo fazer o contrário do que os bispos, os cardeais queriam fazer. Isso foi assim até bem depois da Renascença. O Poliakovsky (??) **[02:30:49]** escreveu um livro sobre isso: *Os banqueiros judeus do Papa*. Foi por isso que surgiram grandes negócios entre o Papa e os banqueiros judeus, porque eles iam todo para Roma.

A imagem que se tem da história de outras épocas através da comunicação de

massas é uma monstruosidade! É 100% falsa! E esta imagem se transmite através de figuras de linguagem, giros de linguagem, gracejos, piadas, floreios de retórica, e justamente por não ser afirmada explicitamente parece tanto mais verdadeira porque é senso comum, é uma coisa tão óbvia que ninguém precisa nem dizer. É justamente aí que você é enganado. Tem muito pastor protestante que diz que estamos em pleno Apocalipse, que é a Era da mentira. Eu não sei, porque eu sou contra você perguntar em que capítulo da história sacra você está, só Deus sabe. Ele já avisou que a gente não vai saber. Então é especulação vã; mas acontece que às vezes parece mesmo. Se não é o Apocalipse pelo menos é o ensaio geral. Agora, quando vem o Apocalipse? Amanhã? Daqui a mil anos? Ninguém sabe. Então não adiante você sentir terrores apocalípticos. Que nem aquele filme do Vittorio De Sica, **"**Il giudizio universale". Aparece uma voz de manhã dizendo: *É hoje o Juízo Universal*! A primeira vez ninguém acredita. Depois que a voz misteriosa do céu repetiu umas dez vezes, todo mundo começa a ficar apavorado. Um começa a fazer penitência, outro começa a fazer todos os pecados: *vou aproveitar porque o mundo vai acabar daqui a pouco.* Aquilo vira uma bagunça. Quando chega no fim da tarde a mesma voz diz: *foi cancelado*. Então, se você está se preparando para o Apocalipse cuidado, você pode passar um vexame. Mas que tem elementos de fantasia, de mendacidade apocalíptica hoje, sem dúvida tem.

Mais do que nunca, nós precisamos de uma geração de pessoas capacitadas, com alta cultura e, portanto desaculturadas em relação ao seu meio social. Essas pessoas, no Brasil, são vocês. Aqui nos Estados Unidos tem de monte, mas no Brasil, só nós estamos tentando fazer isso. Cada um dos alunos do curso de filosofia não é um consumidor: *estou pagando, quero ser atendido*. Não é com esse espírito que vocês participam desse curso; é com espírito de missão e de obrigação. Obrigação para com seu país! Digo mais, vocês são a única esperança que tem, não há mais nenhuma; nada de positivo está sendo feito para o futuro do país, em parte alguma nada está sendo feito, por ninguém. É só este esforço aqui que existe. Então vocês metam a mão na consciência e saibam o quanto se espera de vocês.

Então, vamos responder algumas perguntas aqui.

Aluno: Professor a razão espontânea pode ser aprimorada? Como?

Eu não sei, mas o que eu sei é o seguinte: *Você* pode ser aprimorado na medida em que você se torne mais atento e dócil às operações da razão espontânea; em que você aprenda a aprender com ela ao invés de criticá-la, porque ela sabe muita coisa. Quase tudo o que você faz é na base na razão espontânea. As pessoas reduzem a razão espontânea como fosse reflexos condicionados, instintos. Eu digo: não é! Existe isso também, os reflexos condicionados, os instintos; mas que instinto, que reflexo condicionado pode explicar aquele fenômeno do baralho? Ali você vê que é a razão mesmo funcionando e funcionado com alto nível de acerto. Isso está funcionando em nós o tempo todo. Eu acho que seria muito difícil você graduar a razão espontânea de um e de outro. Aquele sujetio tem a razão espontânea Q.I 110; a minha só tem 65. Não, isso não existe. Parta do princípio que a razão

espontânea de todo mundo tem Q.I 320. Você sabe muita coisa! Leia Sócrates, leia o diálogo *Mênon*. Aquilo que Sócrates disse naquela época é hoje altamente comprovado por este tipo de experiência. Aqui nos Estados Unidos tem mil e um cursos de como ficar mais inteligente, quando você vai ver todos eles vão acabar nisso. Uns dizem que é assim, é assado, mas são todas variações em torno disso que eu estou dizendo: *a atenção dócil à razão espontânea; confessar para si mesmo aquilo que você já sabe.* Isso não quer dizer que você vai abdicar da razão crítica, da razão reflexiva; não. Você apenas vai fazer com que ao se aproximar de certos conhecimentos fundamentais que você precisa para sua vida, ela refreie o seu instinto de fazer perguntas idiotas e de criticar as coisas.

O problema da cultura ocidental é um excesso de razão crítica e pouco respeito pela realidade. Oitenta por cento das questões filosóficas que foram discutidas nos últimos três séculos são besteira pura! A famosa crítica do conhecimento, meu Deus do céu!, quanta besteira não se falou em nome da razão crítica? A começar pelo próprio Kant. Coisas que o colocam em uma posição tão artificiosa, tão postiça, que você não consegue pensar mais. O Giordano Bruno disse isso: *Vocês vão acabar duvidando que vocês mesmo existem!* Ele tinha toda a razão. Quando chega uma época que o sujeito acredita, como os desconstrucionistas, que o único sentido de um texto são outros textos. Como? Por exemplo, quando leio Balzac, eu estou imaginando as cenas, eu vejo pessoas reais, ~~eu~~ não estou vendo outras palavras, outro texto. Leia aquelas quatro linhas do soneto do Fernando Pessoa que eu li pra você. O significado disso é outro texto ou é uma experiência imaginativa real, que você sente? Então como puderam ficar tão estúpidos ao pensar que o sentido de um texto é outro texto? É uma coisa muito grave o que está acontecendo. Nós não podemos entrar nesta coisa. O sujeito que fala essas coisas fala com uma aparência de autoridade. Você veja, nos anos 60 parecia que, com todo o esquerdismo vigente, pelo mesmo uma coisa boa tinha acontecido, a autoridade dos professores parecia que tinha ido para o brejo O fato de um sujeito ser professor universitário não significava mais nada. Daí, aconteceu o quê? Aqueles estudantes, que faziam movimento de protesto nos anos 60, viraram professores e se tornaram um milhão de vezes mais autoritários do que os da outra geração. Então, aqueles procedimentos de intimidação de estudantes que eles se queixavam na época, contra os quais se viraram, e que eram tênues, na verdade, voltaram com toda a força. Hoje um professor é explícito: *não diga certas coisas senão sua carreira universitária está acabada!*". Eles dizem isso e os alunos aceitam. Para mim, que sou daquela geração, e que vi a queda da autoridade dos professores, hoje eu ver aqueles mesmos estudantes rebeldes se tornaram mil vezes mais opressivos, desde suas cátedras, do que os seus professores antigos eram, é absolutamente nojento! Dá vontade de bater! Sobretudo porque, aquela geração de professores ainda sabia alguma coisa e essa de hoje é um bando de analfabetos, que usa os instrumentos opressivos porque não tem a verdadeira autoridade intelectual.

Eu preciso oprimir algum de vocês aqui? Não preciso oprimir, eu nem estou vendo vocês! Nem sei onde estão! Os alunos estão totalmente livres para fazer o que quiserem. **[02:40:24]**. Eu tenho instrumentos administrativos~~,~~ para

perseguir vocês? Não tenho e não preciso disso. Eu sei o que eu estou falando. A autoridade intelectual vem do conhecimento e da sinceridade só; eu não preciso de outro suporte. Se você precisa de um outro suporte, administrativo ou policial, é porque você não sabe nada. E isso hoje é usado de maneira geral, disseminada e cínica, e as pessoas aceitam. Esse é outro conselho que vou dar para vocês: *jamais temam seus professores universitários*. Estudem, fiquem sabendo mais do que eles e os assustem.

Você quer que o professor lhe dê dez até o fim? Estude a matéria muito mais do que ele, e cada vez que ele disser uma besteira, você diz: *não, professor, está errado; não é nada disso; o senhor não estudou, não fez sua lição de casa; é assim, assim, assim...* Faça isso dez vezes, você vai ver, ele vai virar um cãozinho não sua mão; agora, se você aceitar a autoridade dele, tiver medo dele, aí ele vai pisar em você até o fim.

Outro dia eu recebi uma carta e fiquei muito feliz: *professor, você tem toda a razão, é assim que funciona, já escravizei meus professores.* É assim! Vai lá, assuste-os. Eles não sabem nada, são todos charlatães. Se você souber, desbanca o sujeito. Não queira o favor dele. Aí você tem que raciocinar como Maquiavel: *é melhor ser temido do que ser amado*. Não quero que esse sujeito goste de mim, eu só quero que ele trema nos alicerces cada vez que ele me vê. É isso que vocês têm que fazer. Vocês estarão fazendo um benefício para suas universidades se fizerem isso. Vocês estarão rebaixando essas pessoas ao verdadeiro lugar delas, que é em baixo, bem baixo. Se você não sente ainda firmeza, estude, estude, estude... É só isso. Estude com sinceridade, com veracidade.

Aluno: É por isso que tenho a sensação de que quanto mais estudamos, menos sabemos?

É isto mesmo. A medida exata da sua ignorância é um sinal de autoconhecimento, porque daí você tem a lista do que lhe falta saber: para entender isso, eu preciso saber aquilo, mais aquilo, mais aquilo etc. Porque você sabe o que está faltando, e daí você sabe que não vai dar pra completar. Por exemplo, eu estou persuadido de que só existe micro-história. Você só consegue relatar uma coisa com veracidade quando sabe todos os enlaces concretos que houve na influência da ação de uma pessoa sobre outra, sobre outra, sobre outra etc. Mas isso é um ideal inatingível, você não consegue chegar nisso. Em toda narrativa histórica há saltos monstruosos, e esses saltos você sabe que são preenchidos com sua própria ignorância.

Uma vez, num curso que dei logo no começo da minha atividade como professor, eu propus o seguinte exercício, baseado na teoria dos quatro discursos. São quatro níveis de credibilidade: a) quando você tem o meramente possível: *pode ser de um jeito, pode ser de outro*; b) o verossímil: *parece que é assim*; c) o razoável: *temos uma probabilidade de 60 ou 70 por cento que seja assim*; e d) o certo: *isso aqui sabemos com certeza absoluta: dois mais dois dá quatro*. Você levanta as suas idéias, as suas crenças, faz uma lista, e vê quais delas você tem certeza absoluta, quais você tem razoabilidade estatística, quais você tem mera verossimilhança e quais você tem mera

possibilidade. O resultado disso é chamado mapa da ignorância. Se você não tem o mapa da sua ignorância, significa o seguinte: que você não sabe distinguir entre o que você sabe e o que você não sabe, e se você não sabe distinguir o que você sabe do que você não sabe, significa que você não sabe nada. Saber é saber o nível de veracidade, o nível de credibilidade do que você sabe. Agora, pergunto eu, quando que ao longo de todo o seu ensino primário, secundário e universitário, alguém o fez graduar o nível dos seus conhecimento nesse sentido? Nunca, pois o professor também não sabe. É claro que tudo é uma palhaçada. Eu me lembro que, quando estava no ginásio, havia ainda professores sinceros; pessoas que eram apaixonadas pela sua matéria, adoravam aquilo. Eu tinha ~~lá~~ um professor de matemática que era péssimo professor, mas era um grande matemático. Ele acordava respirando matemática dormia pensando em matemática, sonhava com matemática. Esse sujeito era sério, embora ele não tivesse didática, ele era sério. Tinha outro professor que era o Francisco de Almeida Magalhães, que era professor de História. Você ia a casa dele e não conseguia andar devido às pilhas de livros que tinham no meio. Tudo livro rabiscado, anotado. Esse sujeito passou a vida pensando nisso. Agora, a maior parte dos professores eram apenas burocratas, quer dizer, não eram professores, eram funcionários públicos que estavam ali para cumprir horário, marcar o ponto e receber seu salário no fim do mês. E eu, já naquela época – tinha doze ou treze anos –, sentia-me ofendido de que minha educação ter sido entregue a esses sujeitos, porque uma pessoa desleixada, uma pessoa que não quer saber, você não entrega um cachorro aos cuidados dele. Você entrega seu cachorro para um vizinho tomar conta, se você sabe que o vizinho vai deixar a porta aberta e deixar o cachorro fugir? Não. Então, eu falava: “mas isso aqui é um crime dessa sociedade entregar – tinha cinco mil alunos na escola – cinco mil crianças à guarda desses cafajestes. E eram cafajestes mesmo, porque o sujeito que tem uma criança ou adolescente sob seus cuidados e não está ~~l~~igando para a educação dessas crianças, quer apenas marcar o ponto e ir embora, é claro que é um cafajeste. Naquele tempo eu já notava isso. Mas hoje, que ginásio tem um grande matemático ensinando? Que ginásio tem um Francisco de Almeida Magalhães? Não tem mais, acabou. Hoje só tem vigarista, só tem cafajeste, incluindo na universidade. Você veja que o nível do nosso professor universitário é medido pelo Paulo Ghiraldelli, Emir Sader etc. Quem é que não vê que isso é uma catástrofe? Só que acostumar que tudo é palhaçada... No Brasil você é educado para aceitar tudo como palhaçada e jamais querer fazer nada a sério e sinceramente. No Brasil, ser sincero é ser otário, porque o que você tem de aprender é enganar bem. É ou não é essa a educação brasileira? Mas como é que com essa educação você quer que o país se transforme numa potência industrial de primeiro mundo, que a criminalidade acabe que os políticos larguem de ser ladrões, como é que você quer isso? É impossível! Impossível! Todo mundo está apostando no impossível. Então, vamos nós começar a fazer uma coisa que seja real na nossa escala, pode ser modesto. Mas o simples fato de existir um grupo, que se tiver mais de cem, cento e uma pessoas fazendo isso, já é muito para um país como o Brasil. Se tiver um grupo grande e forte de gente levando a sério a vida intelectual, vocês vão ver o impacto benéfico que isso terá no país no futuro. Vocês não precisam se preocupar com esse impacto, ele acontece sozinho. Vocês têm que se preocupar com o que vocês estão estudando. Vocês vão dar o exemplo; e tão

logo vocês comecem a dar esse exemplo, vocês vão ver que esse *establishment* universitário... não é que ele vai ceder, ele vai se ajoelhar diante de vocês, se ajoelhar e pedir perdão; e vão morrer de medo, e vocês não imaginam como isso é gostoso; chegar lá e estarem os catedráticos morrendo **[02:49:05]** de medo de que vocês mostrem que eles são charlatães. Isso é melhor que sexo. E esse é um direito que nós temos; isso é um sadismo que é nosso direito. Humilhar o charlatão é obrigação sua. Não humilhar a pessoa comum por causa de seus pecados, porque o sujeito é bêbado, porque é veado, nunca se pode fazer isso. Pegar a pessoa por seus defeitos pessoais, isso nunca. Mas, pelo seu charlatanismo público, você tem obrigação de desmascarar essas pessoas.

Então, vamos lá: **[02:50:30]**

Aluno: Estudo Geografia e, não muito raramente, sou tentado a enxergar no sistema dos ventos, por exemplo, uma máquina formidável. A própria expressão da comparação já revela a estupidez que há nisso. Busco evitá-la através da poesia e da contemplação sem pensamentos. A tensão que se gera numa alma metida em tais circunstâncias o senhor por certo conhece. Eis que lhe pergunto: o que fazer com essa tensão, há algo de produtivo nela?

Olavo: Não, há uma coisa maravilhosa. A máquina é uma metáfora; é uma figura de linguagem, onde o objeto observado tem certas semelhanças com ela e certas diferenças. Procure aprofundar essas semelhanças e diferenças; e procure ver a infinidade de maneira pelas quais você pode enxergar o sistema dos ventos. Por exemplo, você pode enxergá-lo como um diálogo mitológico, diferentes forças naturais dialogando e forçando em direções diferentes; você pode encará-lo como uma sinfonia, diferentes instrumentos tocando. Em suma, você tem milhares de maneiras de ver, todas elas são exatas sob certo aspecto e inexatas sob outro aspecto. Por que privilegiar o modelo máquina? Por que se adotou o modelo máquina? Porque máquina é uma coisa que você controla, e o ideal dessas pessoas é imaginar o universo como se ele fosse uma máquina que eles estão apertando o botão. É coisa de maluco, evidentemente. Você está imaginando um conjunto de fenômenos naturais à luz de um ideal utópico de que um dia você vai controlá-lo. E nós sabemos que não é uma máquina precisamente porque nós não a controlamos de maneira alguma.

Olha, este é um trabalho maravilhoso pra você fazer: a máquina como metáfora do sistema dos ventos; da onde surgiu; quais são suas possibilidades e suas limitações. Isso aqui dá uma tese universitária maravilhosa. Aguarde, que no fim você vai fazer.

Aluno: como o senhor já mencionou em suas aulas, o bom-mocismo predomina na discussão intelectual da atualidade do Brasil: antes do sujeito discordar do outro, faz um longo intróito elogiando a opinião, o caráter e a inteligência do outro para só depois, com todos os pudores, discordar. Pergunto como lidar com isso quando terminarmos o curso de filosofia? Pergunto, pois vejo que para os espectadores, quem utiliza esse método do bom-mocismo é visto como aquele que está com a razão, que é sensato e equilibrado e aquele que é mais

incisivo, sem rodeios, são visto como aquele que perdeu a razão.

Olavo: Isso me lembra uma frase do Fritjof Schuon que dizia: *se um sujeito diz, calma e tranquilamente, que dois mais dois é cinco, e o outro replica, indignado, que é quatro, todo mundo vai dar razão para o primeiro.* Porque é um método de persuasão por impressão de sanidade. A primeira coisa que você tem que fazer com o sujeito que procura dar impressão de sanidade é mostrar que ele é louco. Mostre que é um sujeito totalmente anormal e que está procurando dar impressão de sanidade justamente porque ele sabe que é louco. Isso é infalível. Uma pessoa normal, saudável, não liga para parecer louca, porque todo mundo, às vezes, parece louco. Tem alguém que é sempre normal? Não tem aquele ditado que diz ninguém visto de perto é normal?

O sujeito está parecendo normal? Então, você o imagina na cama, de noite, querendo transar com a mulher dele e ela não quer, como é que ele fica? Ele vai parecer normal? Tem gente que é normal nessas circunstâncias, mas em muitos casos não é. Imagine o sujeito em outras circunstâncias?

Todo esse ritual de bom-mocismo é feito precisamente para isso, pra dar uma impressão de segurança grupal. Na USP, então, isso aí é infalível. Não se discorda de nada sem elogiar o sujeito, sem dizer que ele é maravilhoso etc. Às vezes é mesmo, mas quando o sujeito está dizendo uma besteira descomunal, você tem que dizer que é uma besteira descomunal. E se o sujeito for realmente uma pessoa de valor **[02:55:24]**, você diz: *olha, não sei como você que sempre trabalhou nessa coisa sensata, agora diz uma besteira dessas*. Tem coisa que não é admissível, você não pode respeitar mais seu interlocutor do que você respeita primeiro a própria ciência que você está discutindo, segundo, a verdade em geral e terceiro o próprio Deus. Você não pode fazer isso, você tem que quebrar esse negócio e a melhor maneira de quebrar é dizer o seguinte: *olha, eu não tenho que dar a impressão que sou normal, porque eu estou me lixando para a sua opinião, você não é juiz da minha normalidade*. Escolha o juiz da sua normalidade. Eu tive a sorte de ser amigo de um grande gênio da psicologia clinica que é o Dr. Juan Alfredo César Müller. Então se eu tiver que saber se eu estou doido, eu chego falo ao Dr. Muller: *eu estou muito doido*? Ele fala, não, menos do que você pensa. Eu tive essa experiência, então hoje em dia são raros, eu não acredito que existe equivalente do Dr. Juan Alfredo César Müller**,** mas existe ao longo do tempo histórico, pessoas que são modelos de normalidade. Eles são como o elemento de estabilidade em épocas de loucura. Quando você, por exemplo, compara Thomas Hobbes com Jean Bodin. Os dois viram as mesmas coisas, isto é, as guerras de religião, aquelas confusões todas. Hobbes ficou apavorado e inventou um estado tirânico para controlar tudo aquilo. Do lado de Jean Bodin, analisando as coisas, ele refletia: é, pode ser assim, pode ser assado. Aí você vê quem está maluco e quem está normal. Não é próprio da normalidade o fingimento. A normalidade tem que transpirar sinceridade, a pessoa normal fala direto do seu coração, não tem o que esconder, não tem que ser outra pessoa. Olha, eu estou com 62 anos, eu nunca consegui ser melhor do que eu mesmo. Tem pessoas que vem se esforçando para serem elas mesmas. Veja, eu até tentei se outra coisa, mas eu não consegui. Então, só resta ser eu mesmo, e olha, isso tira uma preocupação da cabeça. A sinceridade também implica

você não estar muito preocupado com a impressão que você está dando. Por quê? Porque você sabe que por mais que você se esforce e por mais sincero que você seja, os maliciosos vão maliciar, os mentirosos vão mentir, os invejosos vão invejar, e eu não posso impedir que isso aconteça. Porque eu tenho que dar uma boa impressão para todos eles? Se eu estou falando com sinceridade, com honestidade, e se eu não estou a fim de lhe sacanear, então, se você é uma pessoa normal, você vai gostar do que eu estou falando, porque eu estou ajudando. Agora, se você está roendo de inveja, querendo matar, querendo botar uma bomba embaixo da minha cadeira, então, você é maluco. Eu não estou aqui para te humilhar. Você pode aqui fazer duas coisas - você pode aprender comigo ou você pode se sentir humilhado. No Brasil é assim, se você sabe mais do que o outro, ele fica louco da vida, mas se eu não soubesse mais do que você, porque você vem perguntar para mim? Eu nunca me lembrei de ter inveja do Dr. Muller. O Dr. Muller sabia tudo. Tudo que eu perguntava para ele, ele sabia. Eu achava aquilo uma coisa maravilhosa. Em última analise, se eu não souber mesmo, eu pergunto para o Dr. Muller. Depois, mais tarde, eu fiquei sabendo mais do que ele, muita coisa fiquei sabendo mais do que ele. Mas, por quê? Porque eu apreciava aquilo. A inveja é uma coisa terrível, a inveja faz mal, só deprecia você. Eu estava reparando uma coisa, no cinema até os anos 50-60, o pessoal só escolhia ator bonitão, daí, de repente, começaram a escolher uns sujeitos feios. Por quê? Para o diretor não ficar com inveja. Eu não vou ficar atrás das câmeras **[3:00]**, fazendo o serviço pesado, para esse sujeito brilhar e comer todas as mulheres. Vou colocar um Marcelo Mastroianni, ah, não, não vou fazer isso, então, vou pegar uns caras mais medíocres, mais feinhos. Começaram com homem, mas depois com mulher também. Isso surge quando uma cultura da inveja começou a predominar. O quê seria a atitude normal de um sujeito, vamos dizer, esteticamente medíocre, que vê um homem bonito. É você elogiar o sujeito e ficar satisfeito que isso exista, e dizer, se ele comer todas as mulheres, ele merece e eu não mereço. Então está certo, ele que coma. Isso é o normal. Minha mulher contou uma historia onde a amiga dela chegou para o ex-namorado e disse: "*eu vou casar*". Daí ele perguntou assim: "el*e é mais bonito do que eu?" É*. "Ele é mais *gostoso que eu?" É. "Parabéns, esse cara é um tesão*". Não é maravilhoso? Então, não tenham inveja, vocês têm que ter amor a vocês mesmos. Não é o segundo mandamento ama a teu próximo como a ti mesmo? Se você não gosta de você, você não vai gostar de ninguém. Não se permita ser rebaixado, nunca fique inibido, nunca fique com vergonha na frente de ninguém, fique com vergonha na frente de Deus. Apenas confessar os seus pecados, de noite fale: ~~oi~~ *Deus, de novo fiz esta e esta e esta de novo*. Não sei como você me agüenta. Pronto, aí você não tem que dar satisfação para mais ninguém

Aluno: Sobre a cisão entre o imaginário da classe letrada e do resto da população, a atitude hipócrita desse pessoal chamado de educadores, sobretudo de buscar as raízes da cultura do saber junto ao povo. Quando eles mesmos, pelos disparates de suas elucubrações, estão completamente apartados do resto das pessoas revelaria uma artimanha utilizada para ocultar a si mesmo o seu erro para evitar um sofrimento psicológico talvez intolerável?

Olavo: mas não tem nem duvida, não tem nem duvida. Olha em todos os domínios da ação, do conhecimento, da cultura, da economia, etc. Nunca, nada vem de baixo para cima. Tudo é inventado por um ou dois camaradas que aplicaram a sua atenção num determinado assunto e depois suas descobertas vão sendo disseminado pela sociedade. É sempre assim. Quando Louis Pasteur descobriu a vacina anti-rábica, a mesma que eu tomei, você acha o quê, que a sociedade francesa todinha descobriu a vacina anti-rábica e contou para o Louis Pasteur? Foi assim que aconteceu? O povo descobriu? Que povo que nada! O povo estava se lixando para o Louis Pasteur. É tudo feito assim. Quem faz as coisas são os melhores. Quem são os melhores? São aqueles que fazem o bem. É sempre assim. Você acha que as pessoas que fazem o bem são sempre a maioria? A maioria está querendo ajudar todo mundo? Se a maioria estivesse querendo ajudar todo mundo simplesmente não haveria problemas. Esses camaradas quando eles fazem apologia do povo, atribui toda a cultura ao povo, estão expressando apenas a sua inveja. Eles querem fazer elogio do que está embaixo porque eles não suportam não estar em cima. É claro que isso é doença, e claro que isso é neurose. Para que você precisa ser o melhor do mundo em tudo? Não faz sentido isso aí?

Aluno: professor seria possível e desejável que selecionasse de antemão o fundo de experiência necessária para compreensão dos problemas filosóficos iniciais com o que iremos lidar?

Professor: eu recomendo primeiro a experiência estética do mais alto nível que você possa. Antigamente eu dava um exercício para meus alunos; você vai escutar essa música, por exemplo, a quinta sinfonia de Beethoven tantas vezes até você decorar aquilo. Nós não vamos analisar, nós não vamos discutir. Você simplesmente vai ouvir até aquilo se impregnar em você e virar uma coisa sua, virar uma estrutura de seu imaginário. Faça isso. As vezes o pessoal estranha porque eu escuto um numero relativo pequeno de música, mas escuto sempre as mesmas. Se você pegar, por exemplo, as Valquírias (ópera de Richard Wagner), já ouvi as Valquírias milhares de vezes, e às vezes eu descubro o meu imaginário tomando aquelas formas, ou seja, aquilo criou um esquema para mim. Eu posso fazer milhões de analogias com base naquilo. Então isto aqui é importantíssimo. Segundo, a experiência moral. Leiam as vidas dos grandes santos, dos grandes heróis, para vocês verem as possibilidades humanas superiores. Se você conhecer algum, melhor, mas se você não conhece, pelos menos pode ler e imaginariamente estar participando daquela experiência. A experiência estética e a experiência moral selecionam o que há de melhor, melhor e mais elevado. Não vai analisar, não vai estudar, você vai simplesmente contemplar e deixar que aquilo se impregne no seu imaginário o mais que der. Também~~, veja,~~ na sua vida diária, fuja da vulgaridade, da estupidez. Por exemplo, se uma pessoa o convida: "*ah, vem no meu aniversario*". Você vai lá, as caras estão tocando pagode, enchendo a cara de cerveja, falando besteira. Para que você vai engolir esse veneno? *Não vou não!*. Evite as más companhias. Se não tiver nenhum amigo, melhor, fica sozinho em casa. As pessoas que vai te dispersa, que vai te rebaixar, vai te vulgarizar, vai banalizar, fuja disso. Outra coisa procure ver lugares bonitos, sobretudo se você mora em um lugar feio. O sujeito mora na Avenida São João, mora no parque Dom Pedro. O parque Dom Pedro quando eu era moleque era

um lugar paradisíaco, era lindo. Depois transformaram num inferno, fizeram até um minhocão inacabado. Eu lembro que logo que eu cheguei aqui na Virgínia, você faz a viagem de Washington até aqui só vê coisa bonita o tempo todo. Daí eu lembrei, do caminho São Paulo-Santos que sai pela Avenida Dom Pedro, está tudo destruído, derrubaram tudo, estragaram tudo. Como é que eles conseguem meu Deus do céu?! O brasileiro é visualmente educado na feiúra. Então vocês têm que procurar lugares bonitos avidamente e fechar os olhos para o resto. Eu quando morava em Poá ia de São Paulo para Poá com os olhos fechados. Eu lembrava o versinho do Garcia Lorca "*no, yo no quiero verlo*". Feiúra faz mal, feiúra estupidifica. Então é possível e desejável fazer isso. **[3:08:56]**.

Aluno: Jeffrey Nyquist, Lev Navrozov e Gerald Celente podem ser considerados intelectuais de primeiro plano?

Olavo: Certamente! Sobretudo o Navrozov, que é um gênio científico fora do comum. E o Nyquist é o maior analista estratégico que tem nos Estados Unidos.

Aluno: Professor Olavo, quando eu converso com um professor de química ou de física que não sabe que o átomo surgiu de uma especulação filosófica, acreditando que surgiu na época moderna, com Dalton, de um laboratório de química, achando que o átomo é uma realidade inconteste, além de confundir ciência com tecnologia, aí que vejo que a ciência muitas vezes emburrece o homem e o ensino moderno está imbecilizando, como o senhor já mencionou tantas vezes.

Olavo: Mas é claro. A ciência tende à simplificação e à uniformização e, portanto o ideal dela é fazer esquemas tão simples que um computador possa repetir. É claro que é uma atividade indispensável, mas, intelectualmente ela pode ser totalmente lesiva. Tem muitas atividades que são necessárias, mas que são lesivas. Por exemplo, você ser policial. Não é um negócio necessário? É. É recomendável para a saúde? Não.

Eu ia ver o texto do Camões para exemplificar a vocês, mas eu sugiro que vocês leiam. Leiam as redondilhas *Sôbolos rios que vão por Babilônia* e vocês vejam o seguinte (é um dos poemas mais conhecidos de Camões): onde ele se coloca na posição do judeu que está lá escravo na Babilônia se lembrando da sua pátria. E a medida que ele vai narrando isto, ele vai fazendo um paralelo entre o judeu que se lembra de Sião e o ser humano em geral que se lembra da pátria celeste platonicamente. Uma coisa vai se convertendo na outra. A linguagem do poeta é exatamente a linguagem da população da sua época. Na época de Camões ninguém tinha dificuldade de ler isto aqui. Claro, hoje nós podemos ter alguma dificuldade por causa da passagem do tempo, algumas construções se tornaram esquisitas, mas era a linguagem do tempo dele. Então, isso que dizer que uma pessoa comum lendo isto ela podia, sem romper com a sua sensibilidade, com a sua imaginação usual certa, subir até o mundo da filosofia platônica sem grande dificuldade e isto é que dá a unidade da cultura. Nosso trabalho deve sempre se inspirar no que foi feito nessas épocas. Nós buscamos uma transparência igual. Isso é muito difícil na época

de hoje. Porque a linguagem dos intelectuais e o imaginário deles são contrario do que o povo pensa. Mas, note bem, a nossa vantagem é que nós estamos próximo do povo do que esses sujeitos. Na medida em que nós acreditamos na razão espontânea, está certo, na eficácia da sensibilidade, da espontaneidade etc. Nós estamos mais próximos do que a maioria das pessoas pensam do que tudo que esses fulanos com idéias esquisitas. Por exemplo, você imagina o filósofo desconstrucionista querendo convencer o frentista do posto de gasolina de que um texto significa um outro texto. Então, está lá o sujeito com a nota do posto de gasolina: *sim tem que pagar tanto. Não dá para o senhor pagar isso com outro texto, quero é dinheiro está entendendo?*

Agora, se nós acreditamos que os textos se referem a experiências imaginativas que, por sua vez, se referem a dados da realidade, então nós pensamos o que todo mundo pensa.

Um dia se puderem, leiam o livro do Chesterton sobre São Tomas de Aquino. Chesterton não era filósofo profissional e, quando ele escreveu esse livro, o (**nome incompreensível*), que era o maior conhecedor de São Toma de Aquino no mundo, disse: *eu daria um braço para ter escrito esse livro*. Toda a idéia do Chesterton é esta: o São Tomas de Aquino era um homem comum daquela época, só que mais inteligente. Ele não era diferente. Do mesmo modo, Camões era um homem comum daquela época, só que com um talento verbal extraordinário. Então ele dizia o que as pessoas diriam se pudessem. Ele não diz uma coisa diferente. Então, esse é o teste. Você dizer aquilo que está no fundo, na alma das pessoas. E não dizer uma coisa esquisita. Agora o que você diz pode parecer esquisito para o sujeito que está totalmente com a cabeça feita por essa cultura de massa para a pseudocultura universitária. E para esse é até um prazer a gente assustá-los. Ah! Você fala as coisas e o sujeito fica assustado. Eu quero que ele faça pipi nas calças. Ele vai pensar que você é louco, mas quem diz que eu quero que ele pense que eu sou normal. Eu não quero ser normal que nem ele, eu tenho a minha normalidade aqui. Estou satisfeito com ela. Agora as pessoas simples que as vezes não tem sequer os instrumentos para entender o que você está escrevendo, você está dizendo o mesmo que elas. O mesmo que elas diriam se tivessem o seu recurso lingüístico. E tão logo elas entendam a expressão verbal que você está usando, elas vão se reconhecer ali. Isso é o que eu tenho feito isso é uma experiência repetida. O número de pessoas que me escrevem dizendo: *~~pô!~~ Você tirou as palavras da minha boca, mas era exatamente isso que eu queria dizer.* Eu não estou querendo dizer uma outra coisa. Eu estou querendo dizer o que todo mundo está vendo. O que qualquer pessoa norma vê. Então, a vantagem está do nosso lado nesse aspecto. Podemos deixar a leitura desse poema para depois, mas hoje realmente não dá.

Vamos pegar um verso a esmo:

> *Terra bem-aventurada,*
> *se, por algum movimento,*
> *d'alma me fores mudada,*
> *minha pena seja dada*
> *a perpétuo esquecimento.*

Quem não entende isto?

Há alguma dificuldade para entender? Há alguém que não entende isto? *Não.* Se eu me esquecer da Terra de onde vim, Sião ou a Pátira Celeste, que tudo que escrevi seja jogado no lixo. Tem alguma dificuldade para entender? *Não!*

É a linguagem do próprio povo português, só que elaborada com todas as técnicas que Camões dominava. Nós temos que fazer a mesma coisa. Nosso pensamento tem que ser o mesmo pensamento do seu Zé da Esquina só que elaborado em alto nível, mesmo que ele não entenda. Você não está querendo conquistá-lo, está expressando em nível de alta cultura uma coisa que ele também diria se pudesse. Não estamos querendo mudar a cabeça das pessoas.

O que me dá satisfação imensa é quando as pessoas me escrevem: *eu achei que estava ficando louco, mas agora eu vi que eu sou normal*. Mas é isso que eu queria, lhe reforçar na sua posição. Você não é louco não, você está vendo a coisa exatamente certa, porém há pessoas querendo lhe enganar.

Então é isso. Até semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Mariana Belmonte [mhiaya@gmail.com], Mariana Ramos Leandro, Rômulo Coutinho Araújo.
Revisão: Maurício Brum Doval [mbdoval@gmail.com], Murilo Resende Ferreira, José Márcio Carter.